

PAÍSES DO CONTINENTE AFRICANO



INTERCÂMBIO

Publicação de Experiências Cosmopolitas

Ano IV – N. 4 – COGNÓPOLIS – Novembro 2017

SUMÁRIO

EDITORIAL 3

MULHERES AFRICANAS

Patrícia Garcia Carvalho – Mulheres Africanas e o Empoderamento Social 5

ESTILISTA AFRICANA – AFRICAN STYLIST

Djalma Fonseca – Interview with Maymouna Dieng from Senegal in Johannesburg, South Africa, December 17 - 2016 9

REFLEXÕES UNIVERSALISTAS

Sebastião Feitosa – Identidade, Integração Regional e Universalismo 15

VIVÊNCIAS NA ÁFRICA DO SUL

Fabio de Oliveira Marques da Cunha e Simone Zolet – Autoliderança Evolutiva na África 29

TERAPÊUTICA SUL-AFRICANA

Fernanda Cabral Schweitzer e Mariana Cabral Schweitzer – Rooibos e Honeybush: chás Sul-africanos com Propriedades Medicinais 37

AFRODESCENDÊNCIA

Flora Miranda – Relato de uma Conscin Mestiça: África e Europa numa só Genética 43

AFINIZAÇÕES AFRICANOFÍLICAS

Simone Maria Sandi – Sincronicidades com a África 47

INSTITUTO BRASIL-ÁFRICA

Patrícia Garcia Carvalho – As Relações Bilaterais Brasil – África: uma Descoberta 51

DOCTORANDO AFRICANO NO BRASIL

Sebastião Feitosa – Entrevista Ilídio Macaringue 57

INNOVACITIES EM ANGOLA

Mariangela Lückmann – Innovacities África: Conhecer para Inovar 69

Expediente

INTERCÂMBIO – Publicação de Experiências Cosmopolitas
Ano IV – N. 4 – Cognópolis – Novembro 2017
ISSN 2447-293X

Copyright © 2017 – Intercâmbio Conscienciológico Internacional
Os direitos autorais dessa edição foram graciousamente cedidos
à Epígrafe para comercialização da publicação.

Editora: Kátia Arakaki.

Assessoria editorial: Patrícia Garcia Carvalho.

Apoio técnico: Djalma Fonseca, Sebastião Dias, João Aurélio.

Revisão: Kátia Arakaki e Sebastião Feitosa.

Revisão Inglês: Jeffrey Lloyd.

Capa: Ernani Brito.

Diagramação: Epígrafe Editorial e Gráfica Ltda.



INTERCONS
INTERCÂMBIO CONSCIENCIOLOGICO INTERNACIONAL

Instituição sem fins lucrativos voltada à conexão das demandas
internacionais interassistenciais com voluntários especialistas.

Facebook: <https://www.facebook.com/intercons>

E-mail: intercambioconscienciologico@gmail.com

Site: www.interconsglobal.org

EDITORIAL

Esta nova edição da Revista Intercâmbio convida a você leitor ou leitora a conhecer e a se aprofundar no holopensene africano, perpassando mulheres corajosas, vivências em viagens, entrevistas, conexões grupocármicas, mecanismos de cooperação internacional e reflexões sobre identidade consciencial e o universalismo.

Você está preparado para interagir com as energias intensas e dinâmicas dos aprendizados vinculados ao continente? Prepara-se!!!!

Nosso percurso inicia-se com a apresentação de quatro mulheres corajosas, determinadas e conectadas ao bem comum que têm lutado pela África em diferentes espaços e épocas.

Em seguida, Djalma Fonseca nos coloca em contato com uma senegalesa que ao se mudar para Joanesburgo demonstra resiliência e valores pessoais alicerçados no conceito de *obuntu*. Segundo o filósofo e teólogo congolês Bas'Illele Malomalo, “Na África, a felicidade é concebida como aquilo que faz bem a toda coletividade ou ao outro”. Chama a atenção no transcorrer da entrevista a predisposição ao acolhimento e à superação de dificuldades.

Após um relato pessoal, Sebastião Feitosa nos lança à profundas reflexões sobre identidade e visão de mundo, ao trazer o trinômio *cultura-paradigma-percepção* nos faz pensar sobre nossa trajetória evolutiva, nossos valores, identidades e construção de Cosmos.

Fábio Marques e Simone Zolet compartilham vivências no continente e o pensar sobre autoliderança e autossustentabilidade ao depararem-se com contextos diferentes culturais e energéticos.

As irmãs da área da saúde, Fernanda Cabral Schweitzer e Mariana Cabral Schweitzer nos colocam em contato com a cultura africana do chá, um hábito que pode nos conectar ao continente, promover saúde, bem estar e deliciar nosso paladar!

Flora Miranda expõe sua condição mestiça, questiona as possibilidades dos arranjos grupocármicos e aponta os benefícios da miscigenação e as vantagens da afrodescendência sob o ponto de vista da assistência.

Na sequência, Simone Maria Sandi nos conta a identificação de sincronidades relativas à África no seu cotidiano e comenta as conexões com o voluntariado conscienciológico, e faz alusão, ao trabalho grupocármico no continente na próxima ressonância.

Após vivências, relatos, reflexões, comunica-se a descoberta da existência do Instituto Brasil-África e apresenta-se evento centrado na Cooperação Internacional no âmbito da agricultura e os projetos bilaterais apoiados pela Agência Brasileira de Cooperação. Vale a pena acompanhar o trabalho do Instituto e as possibilidades de interação com a Intercons!

Sebastião Feitosa entrevista Íldio Macaringue, moçambicano e doutorando da UNIOESTE, em Foz do Iguaçu. O investimento pessoal na criação e manutenção da Organização Não-governamental, NADECO – Instituto para o Desenvolvimento Humano retratam a consciência atinada com o papel social de cada cidadão e com a importância da educação para a transformação social.

Mariângela Luckman relata a cronologia de fatos até a participação, em maio deste ano, no evento INNOVACITIES em Angola. Interessante observar como o parapsiquismo e a visão assistencial auxiliam na fluidez das decisões a favor do trabalho voluntário.

Boa Leitura a Todos!

Patrícia Garcia Carvalho

Assessoria Editorial da INTERCONS
Doutoranda na UFMG
Universidade Federal de Minas Gerais

MULHERES AFRICANAS E O EMPODERAMENTO SOCIAL

Patrícia Garcia Carvalho

A inserção social da mulher na sociedade, o exercício da cidadania, a liderança comunitária, a assunção de cargos de liderança no ambiente empresarial, as diferenças salariais, as lideranças políticas, ou seja, o empoderamento social feminino vem sendo alvo de reflexões e inquietudes desde a Revolução Industrial no Século XIX.

Desde o ano de 2015 quando me aproximei do trabalho da Intercons no continente africano comecei a me perguntar sobre a mulher na cultura africana, mas antes de me envolver na leitura de livros e artigos a esse respeito, deparei-me com Wangari Maathai, a autora do livro: *Inabalável*, queniana, bióloga, professora, ativista política, primeira mulher a ser doutora no continente africano, ganhadora do *Right Livelihood Award* (Prêmio da Sustentabilidade) em 1986, ganhadora do prêmio Nobel da Paz (2004) e criadora de um dos maiores projetos socioambientais do planeta, o projeto Cinturão Verde (*Green Belt Movement* - <http://www.afreaka.com.br/wangari-maathai-e-o-movimento-do-cinturao-verde/>), além de conselheira honorária da *World Future Council*.

O livro de Wangari nos coloca em contato com as raízes da cultura queniana, com a diversidade social do continente, com a exploração europeia das riquezas e territórios africanos, com a perda dos saberes tradicionais das diferentes etnias, com a subjugação e exploração feminina, com a corrupção política e financeira das populações, nos insere de forma intensa na África. A escrita autobiográfica de Wangari é pura, fluída, rica, prazerosa, intensa, verdadeira e mobilizadora. Foi a primeira mulher africana que me remeteu ao ser mulher na África, a partir daí meus sentidos estavam despertos para as mulheres africanas.

De forma interessante, a *Inabalável* mulher vai desnudando o continente e nos mostrando que a diversidade cultural nos países africanos é impressionante, e que esse belo continente tem riquezas humanas e uma história sensível e humanamente intensa. A força da mulher africana e a sua importância para a preservação ambiental e cultural fica patente, ao terminar a leitura senti o quanto cada mulher nos 54 países é *Inabalável* a cada dia que inicia sua jornada de vida!

Recentemente descobri Njinga Mbande rainha de Ndongo e Matamba, da Série UNESCO Mulheres na história de África que coloca luz sobre as mulheres na história do continente (<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002309/230931POR.pdf>)

“Njinga a Mbande (1581 - 1663), rainha do Ndongo e do Matamba, marcou a história de Angola do Século XVII. Os projetos mercantis europeus, em particular de desenvolvimento do tráfico de escravos na costa da África austral, alteram a paisagem política, social e cultural do reino do Ndongo e de toda a região. Foi neste contexto que Njinga a Mbande cresceu e se impõe como um notável exemplo de governo feminino” (UNESCO, p. 7, 2014).

O pai de Njinga, o rei Ngola Mbande Kiluanji preocupou-se com a formação cultural, política, diplomática e de pensamento estratégico para a filha que associada ao temperamento acaba por traçar um perfil de liderança inteligente, hábil, respeitosa, solidária, assistencial.

“Durante quatro décadas, a rainha do Ndongo e do Matamba opor-se-á com vigor aos projectos coloniais portugueses, tecendo estratégias, mantendo uma hábil correspondência diplomática e dirigindo ela própria muitas vezes as operações militares” (UNESCO, p. 36, 2014).

Mais uma vez, o perfil de mulher forte, solidária que pensa na coletividade, na independência cultural, financeira e política dos povos africanos.

A conservacionista, ativista e co-cineasta Joan Root, nascida no Quênia e filha de pais ingleses, tem sua vida retratada no livro *Na África Selvagem* de Mark Seal que me foi presenteado. A vinculação com a terra, com a natureza, com os povos das diferentes etnias, o lado humano da sua relação com as mulheres que acolhe e busca apoiar nas tentativas de inserção social, a opção pela vida no Lago Navaisha torna Joan uma protagonista da preservação da vida e da cultura na região do lago.

A ativista lutou pela preservação da água, dos animais selvagens, das tradições culturais e incomodou o poder econômico emergente associado ao capital explorador das riquezas naturais do Quênia. A conservacionista incomodava pela presença determinada, em ambientes considerados masculinos, e pujante a favor da vida selvagem, incomodava empresários europeus, pescadores nativos e políticos. Joan mesclava sensibilidade e força, respeito e posicionamento firme, amorosidade e determinação. Ela fez da sua propriedade no Lago Navaisha um oásis de proteção às espécies animais e vegetais e a sua resistência só foi suplantada pela força da arma, foi assassinada em 2006. A leitura do livro nos coloca mais uma vez frente à coragem e a força da mulher africana, além de ser uma viagem pela beleza do lago Navaisha.

Das terras nigerianas me deparo com o TED “*We should all be feminists*” (https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc) de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora, nomeada em 2014 como um dos 39 escritores mais importantes com idade inferior a 40 no projeto Festival Hay e Rainbow Book Club.

Na palestra a escritora retrata, com muito bom humor, simpatia, segurança e firmeza, como é ser africana e feminista, e sua visão sobre construção de gênero e sexualidade. A partir de exemplos do seu dia-a-dia ela vai demonstrando como a nossa sociedade constrói estereótipos e cerceia/rotula a expressão de gênero. E ao dizer, todos nós deveríamos ser feministas, Chimamanda chama a atenção para o fato de que ser feminista está além de ser mulher.

Em outro TED, “O Perigo das histórias únicas” (https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story) Adichie fala sobre o olhar, a pré-concepção, os riscos dos olhares e das análises de uma só voz e feição.

“Our lives, our cultures, are composed of many overlapping stories. Novelist Chimamanda Adichie tells the story of how she found her authentic cultural voice -- and warns that if we hear only a single story about another person or country, we risk a critical misunderstanding”.

A firmeza, seriedade, beleza e coragem de Chimamanda ressoam mais uma vez, a força e a construção do empoderamento social da mulher africana.

Outro livro que me mobilizou foi *Infiel*, livro autobiográfico escrito por Ayaan Hirsi Ali criada na Somália que criticou Maomé e que está condenada à morte pelo fundamentalismo islâmico. A autora se tornou famosa mundialmente pelo livro e pelo filme *Submissão*, no qual descreve a situação da mulher muçulmana. O filme foi a motivação do assassinato do cineasta Theo van Gogh, morto a tiros em Amsterdã por um marroquino que apontou Ayaan como a próxima vítima.

No livro a autora relata o cerceamento da liberdade, a opressão, a subjugação e a violência contra a mulher na cultura muçumana. Sua trajetória de vida permiti-lhe viver em diferentes países e o exílio na Holanda contribui para uma reavaliação das crenças e costumes adotando uma posição crítica do islamismo ortodoxo.

“Infiel mostra que uma mulher decidida pode mudar muito mais do que sua própria história.»
- Christopher Hitchens, Sunday Times

Em 2005, a revista *Time* a indicou como uma das 100 pessoas mais influentes no planeta e em 2006, ganhou prêmios na Dinamarca e Suécia pelo trabalho a favor da democracia, dos direitos humanos e direitos das mulheres.

Os livros citados bem como os vídeos nos colocam frente à luta de mulheres corajosas, que olham para além de si mesmas e que buscam contribuir para uma sociedade mais livre e igualitária. Ao buscar imagens das mulheres citadas, mais uma vez, me deparo com a força do olhar, a beleza do sorriso e a expressão de determinação e confiança de quem foi capaz de superar profundas adversidades, se levantar e lutar pelo bem comum.

Relatamos aqui 4 mulheres, mas o continente africano está repleto de livros, poesias, ativismo político, filmes, documentários, histórias e mais histórias de mulheres que foram aviltadas em sua integridade física, moral, emocional e espiritual, mas que não se calaram e não se permitiram ficar entregues ao sofrimento, paralisador da trajetória evolutiva. Coragem, autossuperação e determinação, belos exemplos, mulheres Inabaláveis!!!

Patrícia Garcia Carvalho é voluntária e docente da Conscienciologia desde 1996. Bióloga. Mestre em Geografia e Análise Ambiental. Doutoranda pela Universidade Federal de Minas Gerais. Consultora na área socioambiental. Voluntária da INTERCONS.



INTERVIEW WITH MAYMOUNA DIENG FROM SENEGAL IN JOHANNESBURG, SOUTH AFRICA, DECEMBER 17 - 2016

Djalma Fonseca



Mounass is an African stylist, from Senegal, she creates, designs and produces her African clothes, with very special fabrics from a region in Senegal, Western Africa. She sells them at the Rosebank Sunday Market, an open market with many interesting items, very rich in the Southern African culture, and she offers some options in the West African style and fabrics.

Mounass was one of the first people we had the opportunity to know and become friends with down here in South Africa. She and her family have been good friends, new friends with old sentiments. Since they are also foreigners, they are a good laboratory to help us understand the African culture as a whole, as well as the Southern African culture. In this way we have been witnesses of *Teranga*, which you will learn about shortly.

Here follows a brief interview where she shares her experiences and understanding of things.

Could you describe Senegalese culture to our readers?

Our culture is very different, we have many languages, my language is Wolof, the most popular in Senegal. The most widely spoken language is French (as a second language) and then Wolof, which is a big ethnic group. Some other ethnic groups and their languages are: Jola-Fonyi, Mandinka, Mandjak, Mankanya, Noon (Serer-Noon), Pulaar, Serer, Soninke, and Wolof.



There are some basic principles in Senegalese or Wolof culture specifically, for example, there is a common attitude held towards people in general, specially foreigners or newcomers, or people from other groups, it is called *Teranga*. Either in or outside your house you should discover what their needs are and try to help them with what they need, or with whatever you can, it is common to provide accommodation and food. This cultural trend is changing now, it used to be much stronger, but this is what they call the Senegal Power, the strength of the group, of mutual collaboration.

What made you move from your country? Why did you come to South Africa?

I never thought of leaving my country and in my first year, I did not realize I was leaving my country, I still thought it would be something temporary. I've got married and my husband was and still is working here in South Africa, that was the reason we came down here.

So what are the differences and similarities that you see between Senegalese and South African culture?

Teranga is different, don't get me wrong, they have a culture, I like their culture, but the problem is, sometimes, you live in a place, but you don't even know your neighbor, and you try to approach them, some will be open to you, some will not be open to you. I can understand, people are more distant probably because of crime.

Here, in South Africa, to get married you need to pay a dowry, Lobolo, very specifically for the bride, they negotiate the payment, in general, in cash.

In my country, we are Muslims, we do not have dowries. So, depending on the amount you have available it will make a difference to the bride you can get down here to South Africa, I think this is common in other parts of Africa as well.

Also, they do not wear a lot of African clothing, I want my kids to wear more African clothes. If we want Africa to be big we need to use African products. We wear African clothes in Senegal, and the first time I wore those down here, they thought I was from Nigeria, people here think only Nigerians wear African clothes, but they are mistaken, African clothes are worn all over Africa. As I can see, nowadays, the African style is becoming fashionable all over the world, everybody is wearing more African fabrics as well.

How did you adapt to South Africa? It was your first time outside your country.

It was hard, I did not have any friends, I didn't speak English, people here did not speak French. You see your husband go to work and you are alone, and you can't understand anything even on the TV, now it is better, the work in the market (Rosebank Sunday African Market) has helped me a lot because I need to communicate and they help you, they are very kind, they try to understand you and you start to learn how to speak to better serve your customers.



How did you start in the styling area?

It was before my marriage, over 20 years ago. Actually I wanted to work with hair styling, but my mother saw potential in me, saw that I probably had skill in the clothing design area, my older sister was as a clothing designer already and it could have help me to get into the scene. So, my mother recognized my skill even before I did.

So after all, what do you think it is important in life, in order to be happy?

If you are healthy, you can do whatever, whatever comes to you. You don't have to wait for money to be happy, I think what makes one happy continuously, is fraternal love, if you have this kind of love you are happy no matter what.

If you could send a message to every person in the world what would you say to them?

Just like brothers and sisters, if we love each other the world would be different, but if you think you are better than the other or the other is better than you, it is not possible.

Final words.

Well I am really very happy here in South Africa, even though I had some difficulties to adapt in the beginning, I am very happy now, and very grateful for everything and everyone, especially my husband.

Interviewer. Djalma Fonseca. Entrepreneur, IT specialist, former Brazilian Air Force officer. Conscientiology volunteer since 1989, teacher since 1990 and Penta practitioner since 1989.

Revised by Jeffrey Lloyd.

Think Global



IDENTIDADE, INTEGRAÇÃO REGIONAL E UNIVERSALISMO

Sebastião Feitosa

Mundividência. Tudo na realidade perceptível da consciência tem nome, conceito, identidade, e é passível de ser relacionado, interagido e conhecido pela mesma. Quanto mais a consciência amplia a maturidade, conhecendo-se por meio das vivências e experimentos pessoais, mais amplia a cosmovisão da realidade, ou a mundividência pessoal.

Princípio. Deduz-se dessa tese, o *princípio da identidade* ínsito ao *continuum consciência-realidade* presente nas automanifestações em qualquer dimensão consciencial, ou multidimensionalidade.

Identidade. Conforme a Definologia, identidade é a qualidade do que é idêntico, possibilitando a caracterização de algo ou de alguém, os autoatributos singulares, dentro do universo de diversidades e individualidades, a fim de estabelecer relações e interações.

Singularidade. O princípio da identidade está diretamente ligado ao autoconhecimento da consciência, na medida em que constrói e internaliza a noção de si mesma e comunica a automundividência para as outras consciências enquanto individualidade singular no Cosmos.

Abrangência. O princípio da identidade também se relaciona à abrangência da realidade pessoal, ou seja, as identificações percebidas pela consciência, a capacidade de defini-las e a possibilidade de interagir com o universo multidimensional de elementos disponíveis.

Holobiografia. A identidade holobiográfica da consciência construída ao longo do ciclo multitexistencial, supera a identidade humana atual resultante do forte condicionamento cultural em que é submetida ao renascer e desenvolver-se em alguma região do planeta, a partir da vivência interatante do *trinômio cultura-paradigma-percepção*.

Paradigma. Cada pessoa tem a percepção da realidade moldada radicalmente pelo paradigma assimilado da cultura humana originária. Inserem-se neste contexto os costumes e as normas culturais, os valores assimilados, a linguagem, as tradições e outros elementos característicos da cultura.

Subordinação. Considerando as necessidades autevolútivas da consciência humana, a localidade onde se nasce e o autodesenvolvimento ao longo da vida estão subordinados às afinidades, predisposições e às planificações do *Maximecanismo Multidimensional Interassistencial*.

Conhecimento. Pelo *continuum consciência-realidade*, quanto mais a consciência conhece de si mesma, mais a realidade torna-se rica, complexa e abrangente, porém compreensível para ela, tor-

nando-se mais autodeterminada e menos heteroinfluenciada frente às circunstâncias e contingências existenciais.

Desconhecimento. Em outro sentido, quanto mais a consciência desconhece de si mesma, mais a realidade torna-se pobre, simples e limitada, e desse modo incompreensível para ela, tornando-se menos autodeterminada e mais heteroinfluenciada pela existência.

Autossustentabilidade. Cada consciência constrói a automundividência de acordo com o *fôlego evolutivo*, ou a autossustentabilidade de que já é capaz.

Amplitude. No aspecto quantitativo, entende-se a autossustentabilidade pela amplitude de identificações realizadas pela consciência com equilíbrio e lucidez sem desestabilizar a autoidentidade, ou a estrutura intraconscencial, isto é, a consciência mantém-se imperturbável e anticonflitiva diante da amplitude da realidade pessoal percebida.

Vertigem. Portanto, é certo afirmar que as *verdades relativas de ponta* (verpons) da Conscienciologia causam vertigem nas consciências sem Curso Intermissivo, pela falta de paraneossinapses em compreender a realidade transcendente frente à vida intrafísica cotidiana, sendo prudente neste caso a utilização do autodiscernimento prático visando o não cometimento do *estupro evolutivo* com a explicitação da realidade conscienciológica amplificada.

Identificação. Existem pessoas que se identificam com o *mundinho* particular e as limitações interacionais locais da existência, e existem pessoas que se identificam com questões mais amplas, com o Cosmos, com o Universalismo e com o Estado Mundial em progresso, uma questão de vivência do *polinômio energia-vontade-lucidez-autodiscernimento*.

Equilíbrio. Levando-se em conta o equilíbrio íntimo da consciência, quem não possui identidade razoavelmente equilibrada de si (autoconsciencialidade) encontrará limitações e dificuldades no estabelecimento de relações com outras identidades diferentes de si (interconsciencialidade), prejudicando a qualidade das interações possíveis relativa à realidade personalíssima.

Bagagem. Em consequência, empobrecerá a bagagem evolutiva de experiências pessoais e a rede de relações interconscenciais, em suma, o Universalismo vivido.

Evolução. Sabe-se que a consciência evolui através do aprendizado evolutivo adquirido das interações com as demais, das vivências e experimentos pessoais, incrementando assim o autoconhecimento e a realidade pessoal.

Diversidade. Tendo em vista o Estado Mundial, as consciências intrafísicas no mundo atual são compostas de diversos níveis evolutivos. A maioria nem pensa em evolução e integração planetária.

Mesméxis. Outra parte até pensa, reflete acerca do tema, mas pára nas atualizações evolutivas, vivendo incoerentemente os momentos evolutivos pessoais, rendida às rotinas existenciais confortáveis, seguras e familiares a si, indiferente ao fluxo do Cosmos, carecendo de inovação em suas vidas e vivendo o rame-rame a cada dia.

Vanguardismo. Somente pequena parcela abre os caminhos e prepara o terreno para a possibilidade de integração universalista futura, convergente com o vanguardismo evolutivo.

Posturas. A consciência humana tratada individualmente ainda vive à margem do holopense-ne do Estado Mundial se manifesta ainda, dentre outros, estes 6 traços e posturas pessoais, expostas abaixo em ordem funcional:

1. **Identidade.** Possui identidade tacanha limitada ao *mundinho* local.
2. **Território.** Defende somente os seus pares e o seu território.
3. **Cultura.** Identifica-se unicamente com sua cultura e com seu país.
4. **Fatos.** É desinteressada e descomprometida com os fatos impactantes que ocorrem no mundo *lá fora*.
5. **Desvarios.** É insensível aos desvarios, infortúnios e calamidades pessoais e coletivos por que passam os seres na Terra.
6. **Evolução.** Vive alienada quanto à própria evolução.

Afinidade. Pelo *princípio da identidade* ainda, os afins se atraem, compartilham níveis evolutivos, realidades pessoais e identidades cosmoéticas semelhantes, tendem a viver juntos e a formar culturas e holopenses comuns.

Conservadorismo. Observa-se na média conscienciométrica terrestre a tendência em formar *bolsões conservantistas* que rechaçam o novo (neofobia) e o diferente (xenofobia). (**Europa tenta dar resposta a crescimento de extremistas.** Vide <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1460413-europa-tenta-dar-resposta-a-crescimento-de-extremistas.shtml>. acesso em 08/06/2014)

Mudança. Segundo a Evoluciologia, a identidade consciencial muda lentamente de uma vida humana para outra. Muito devido ao fato da própria consciência não aproveitar plenamente as possibilidades do momento evolutivo, não se motivando suficientemente para tal e permanecendo na zona cômoda de conforto do subnível existencial, não inovando e não buscando expandir a identidade pessoal através de interações mais enriquecedoras e universalistas.

Carência. Diante deste quadro evolucionológico, é certo afirmar que a esmagadora maioria das pessoas no planeta está carecendo de atualização evolutiva das identidades pessoais através da reciclagem intraconsciencial (recin).

Neofilia. A construção do Estado Mundial, processo de globalização em andamento relativo às integrações regionais entre países, requer consciências com identidades neofílicas e desarmadas, capaz de estabelecer interações universalistas e policármicas, superando o egocarma e o grupocarma observados como padrão atual nos indivíduos, grupos, povos e nações ao redor do mundo, ainda muito presos ao passado e à perpetuação de tradições culturais.

Supranacionalidade. Conforme a Integraciologia, *Integração Regional* pode ser definida como o processo de união de países a partir de entidade supranacional responsável pela deliberação, decisão e coordenação de consensos destes países visando à unificação entre eles em blocos econômicos, dentro de soberania compartilhada, primordialmente na área de comércio internacional, porém integrando e uniformizando de oito as demais áreas relacionadas nesse processo, tais como: economia, política, ciência, cultura, finanças, trabalho, leis, migração, dentre outras.

Motivação. A motivação da integração regional ainda não é baseada na virtude humana ou na *intencionalidade cosmoética*, mas, sobretudo, no fortalecimento destes países em blocos a partir do *princípio da união faz a força*, com o intuito de fazer frente ao fenômeno da *globalização econômica e financeira*, ou a intensificação do comércio internacional e do fluxo de capitais, quase sempre especulativos, possibilitada pelo progresso dos meios de transporte e de comunicação globalizados.

Vetores. Poderosas empresas multinacionais e investidores-especuladores são os verdadeiros vetores dessa categoria de globalização, oriundos de países desenvolvidos, estimuladores de políticas ultraliberais do comércio livre, sem barreiras, cujo parâmetro de ação é os ganhos em escala e o lucro voraz cada vez maior de suas empresas e investimentos, sem levar em consideração os efeitos sociais avassaladores pelo mundo todo, principalmente em países em desenvolvimentos cujas empresas e economias vêm-se despreparadas para concorrer de igual para igual com esses conglomerados econômicos, gerando desemprego, falências, crises nacionais e internacionais.

Poder. Existem empresas multinacionais mais poderosas economicamente do que muitos países, tornando-os reféns de maciços investimentos que podem ser retirados, de um momento para outro, se não geram os lucros determinados nas metas capitalistas daquelas empresas, gerando a crise econômico-social e o mal-estar nacionais.

Pedagogia. As crises internacionais sinalizadoras da recessão mundial e oriundas desse modelo de globalização possuem seu caráter pedagógico. Observa-se agora a mudança cultural internacional pautada no nascimento da intercompreensibilidade entre as nações para o desenvolvimento sustentável em todas as áreas vitais - e não somente na área econômico-financeira - para os seres da Terra, em que a integração de países dentro de blocos regionais é um passo importante para esse fim e compõem células do Estado Mundial adiante.

Superação. O Comunismo enquanto ideologia política libertária já sofreu a derrocada. No entanto o Capitalismo, como está aí presente no mundo, descomprometido com a melhoria das condições de vida humana da maioria dos seres que compõem a massa de excluídos do planeta, em consequência do *individualismo materialista competitivo, exacerbado e preponderante* na civilização humana atual, está em vias de superação, tendo em vista o Estado Mundial e sua ideologia política universalista maxilibertária.

Pesquisa. O *Social Progress Imperative*, grupo sem fins lucrativos que criou o *Índice de Progresso Social (IPS)*, realizou em pesquisa recente (ano-base: 2014) um levantamento com 132 países avaliando mais de 50 indicadores como saúde, segurança, moradia, alimentação, tolerância religiosa

e outros. (***Brasil fica em 46° lugar em novo índice que mede a qualidade de vida.*** Vide <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/brasil-fica-em-46-lugar-em-novo-indice-que-mede-qualidade-de-vida.html>. Acesso em 08/06/2014)

Conclusão. A pesquisa chegou à principal conclusão: o crescimento econômico de um país não melhora automaticamente a qualidade de vida da população, ou seja, o progresso social. Mais do que possuir grande economia, o país necessita gastar melhor e conter os arroubos de corrupção pública. (***A Corrupção na União Européia.*** Vide <http://congressoemfoco.uol.com.br/opiniaoforum/a-corrupcao-na-uniao-europeia/>. Acesso em 08/06/2014)

Lideranças. O poder nas relações interconscienciais humanas, seja qual for a ideologia atinente, ainda é muito mal utilizado quando as lideranças que o detêm possuem identidades imaturas, auto-corrúptas e egocêntricas.

Êxito. A União Européia (UE) foi o primeiro experimento exitoso de integração regional iniciado após a 2ª Guerra Mundial há mais de 50 anos, cujos resultados servem de modelo para outros experimentos em andamento, mesmo com os sobressaltos político-econômicos atuais verificados em determinados países componentes do bloco. (***Crise na Europa permanece como ameaça para a economia mundial.*** Vide <http://economia.uol.com.br/noticias/afp/2013/05/29/crise-na-europa-permanece-como-ameaca-para-a-economia-mundial.htm>. Acesso em 08/06/2014; ***Reino Unido decide deixar União Europeia em referendo.*** <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/reino-unido-decide-deixar-uniao-europeia-em-referendo.html>. Acesso em 22/06/2017)

Segurança. A motivação inicial da UE incluía, sobretudo, a segurança coletiva de seus membros, cujas histórias estão repletas de guerras e genocídios.

Sobrevivência. Sob a perspectiva da *globalização demográfica*, observa-se que o fluxo populacional dos habitantes da Terra sempre foi motivado pelas localidades onde existem melhores condições de sobrevivência e qualidade de vida.

Imigrantes. Em 2010, a UE ultrapassou a marca de 500 milhões de habitantes em virtude da entrada de imigrantes no continente europeu vindos de todas as partes do mundo, gerando a cultura da xenofobia em diversos países como Espanha, França e Itália, criando barreiras imigratórias para impedir a entrada de mais imigrantes. (***ONU se preocupa com tom xenófobo de medidas para imigrantes.*** Vide <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/onu-se-preocupa-com-tom-xenofobo-de-medidas-para-imigrantes>. Acesso em 08/06/2014)

Africa. Em 2015, a imigração ilegal aumentou seis vezes na Europa e 35 mil imigrantes ilegais conseguiram atravessar o Mediterrâneo da costa africana até países da União Européia até Maio/2014. Em todo o ano de 2013 foram 43 mil imigrantes. O drama maior é o crescente número de naufrágios de frágeis embarcações clandestinas ao tentar a travessia, pela falta de escrúpulos dos traficantes, deixando centenas de mortos todos os anos. (***ONU: 35 mil imigrantes ilegais chegaram***

à **Europa este ano**. Vide <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-05/onu-quase-35-mil-imigrantes-ilegais-chegaram-europa-este-ano>. Acesso em 08/06/2014; **Imigração ilegal aumentou 6 vezes na Europa em 2015** <http://internacional.estadao.com.br/blogs/lourival-santanna/imigracao-ilegal-aumentou-6-vezes-na-europa-em-2015/>. Acesso em 22/06/2017)

EUA. Nos Estados Unidos da América, perseguidos pelo *sonho americano da oportunidade de enriquecimento pessoal e da vida consumista de primeiro mundo*, a população americana em 1800 era em torno de 4,9 milhões, passando em 1900 para 76 milhões e em 2008 já era mais de 300 milhões, aumentando mais de sessenta vezes em dois séculos.

Ilegalidade. O número de imigrantes ilegais nos EUA já atinge a marca de cerca de 11 milhões (ano-base: 2017), muitos são presos e deportados, quando não são mortos na tentativa frustrada de entrar nos EUA, principalmente pela fronteira com o México. (**Cerca de 11 milhões de pessoas vivem ilegalmente nos Estados Unidos**. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-01/cerca-de-11-milhoes-de-pessoas-vivem-ilegalmente-nos-estados-unidos>. Acesso em 22/06/2017)

Reforma. Atualmente nos EUA existe campanha nacional pró-imigrantes a favor de reforma migratória capaz de permitir a legalização, apesar do neonacionalismo americano surgido com a eleição do presidente Donald Trump em 2016.

Mundo. Segundo estimativa de relatório da ONU (ano-base: 2015), existem atualmente 244 milhões de migrantes internacionais no mundo. Muitos deles são motivados pelas oportunidades de trabalho não conseguidas nos países de origem. (**ONU: 244 milhões de migrantes internacionais em 2015**. <http://www.dw.com/pt-br/onu-244-milh%C3%B5es-de-migrantes-internacionais-em-2015/a-18974830>. Acesso em 22/06/2017)

Brasil. No Brasil, o fenômeno migratório atual - além dos bolivianos submetidos a trabalho escravo nos grandes centros urbanos - ocorre com os haitianos movidos pelo *sonho brasileiro*. Eles entram pelo estado do Acre em situações precárias com destino a regiões desenvolvidas do país agravando mais ainda os já estabelecidos problemas sociais. Assim também ocorre com os venezuelanos migrando em massa devido à crise política naquele país. (**Imigrantes ficam em locais destinados a bois e cavalos ao chegar no Acre**. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1461045-imigrantes- ficam-em-locais-destinados-a-bois-e-cavalos-ao-chegar-no-acre.shtml>. Acesso em 10/06/2014; **Crise quintuplica número de imigrantes venezuelanos no Brasil**. <http://veja.abril.com.br/mundo/crise-quintuplica-numero-imigrantes-venezuelanos-no-brasil/>. Acesso em 22/06/2017)

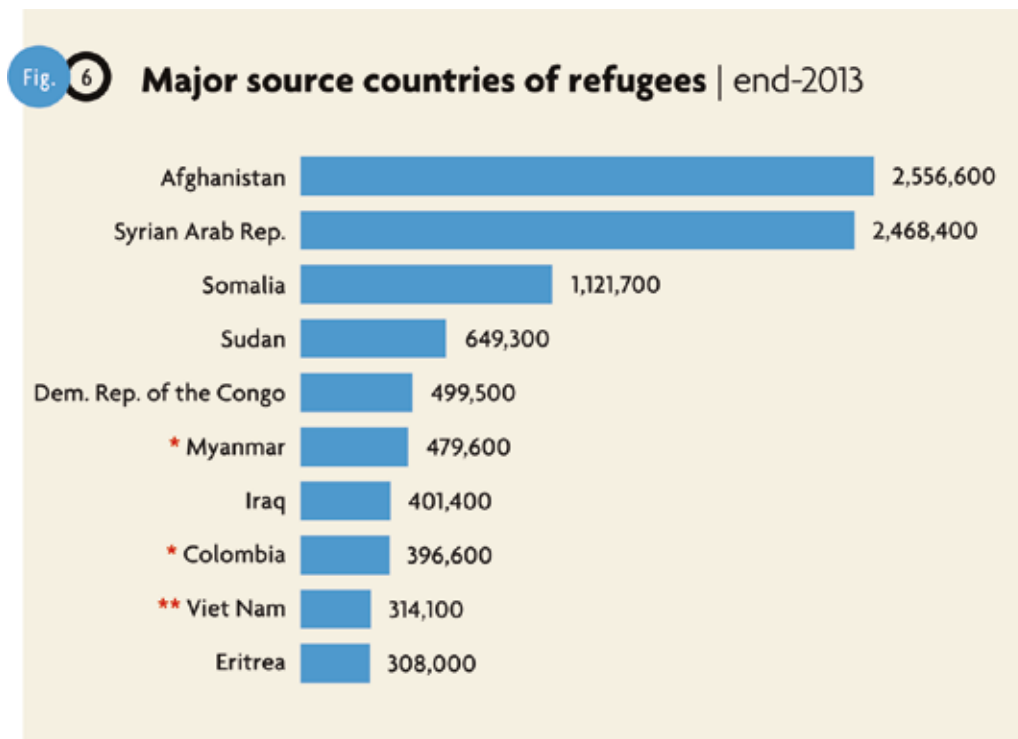
Refugiados. Outro fator de migração humana, neste caso forçado, é o vivenciado pelos refugiados e pessoas deslocadas em seu próprio país pelo mundo afora em virtude de guerras ou perseguições.

Números. Segundo levantamento da ONU, no ano de 2013 o número de refugiados no mundo superou a marca de 50 milhões (51,2 milhões), este número é o maior desde a Segunda Guerra Mundial

e representa seis vezes o registrado no ano de 2012. (*Mundo tem 50 milhões de refugiados, o maior número desde a Segunda Guerra*. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/06/140619_refugiados_entrevista_hb.shtml?print=1. Acesso em 20/06/2014)

Desafio. De acordo com o ACNUR (Alto-Comissariado da ONU para Refugiados), este aumento é *desafio dramático* para organizações que prestam ajuda humanitária, devido os conflitos novos estarem se multiplicando e, ao mesmo tempo, os conflitos antigos não terem perspectiva de solução.

Países. Os principais países em conflitos armados geradores dessa realidade intrafísica são o Afeganistão, a Síria, a Somália, o Sudão, a República Democrática do Congo e o Iraque.



© UNHCR – Major source of refugees, end 2013

Causa. A causa principal, convergente com a atual *Era da Reurbanização Planetária*, é o mundo estar se tornando cada vez mais violento, e mais pessoas estão sendo forçadas a fugir.

Preocupação. Existe preocupação crescente em relação à assistência aos refugiados. De acordo com a ONU, alguns campos se tornaram praticamente permanentes, com escolas, hospitais e comércio.

Desafio. Outro dado preocupante é a grande quantidade de refugiados e de internamente deslocados representarem desafio na questão de recursos, inclusive representarem também a possibilidade de desestabilizar o país que os acolhe.

Campos. Eis a seguir os 13 maiores campos de refugiados do mundo (data-base: Setembro/2013), expostos em ordem decrescente de números de pessoas (*Os 13 maiores campos de refugiados do*

mundos. <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/os-13-maiores-campos-de-refugiados-do-mundo#1>. Acesso em 22/06/2014):

01. **Quênia.** Localizado a nordeste do Quênia, próximo à fronteira com a Somália, na África, o campo de Dadaab comporta 402.361 habitantes refugiados em um complexo de cinco campos abrindo pessoas fugidas da guerra civil na vizinha Somália.

02. **Etiópia.** Situado a sudoeste da Etiópia, o campo de Dollo Ado possui 198.462 pessoas refugiadas em um complexo de cinco campos abrindo somalianos fugidos das condições precárias – fome e seca – do seu país.

03. **Quênia.** Localizado a noroeste do Quênia, próximo à fronteira com o Sudão do Sul, o campo de Kakuma abriga 124.814 somalianos e sudaneses fugidos das guerras e condições precárias em seus países de origem.

04. **Jordânia.** Localizado ao norte da Jordânia, próximo a fronteira com a Síria, o campo de Za'atri abriga 122.723 refugiados sírios que escaparam da guerra civil em seu país.

05. **Palestina.** Localizado na Faixa de Gaza, na Palestina, o campo de Jabalia abriga cerca de 110.000 palestinos desde o fim da guerra árabe-israelense em 1948.

06. **Argélia.** Localizado a sudoeste da Argélia, o campo de Sahrawi (complexo de cinco campos) abriga cerca de 90 mil africanos do oeste do deserto do Saara desde o conflito com forças marroquinas por questões territoriais na década de 1970.

07. **Sudão do Sul.** Localizado ao norte do Sudão do Sul, o campo de Yida abriga 70.095 sudaneses fugidos da guerra civil que separou o Sudão e agora tentam escapar de condições de miséria vivendo no campo.

08. **Mauritânia.** Localizado a sudeste da Mauritânia, quase fronteira com Mali, o campo de Mbera abriga 69.676 pessoas, a maioria refugiados fugidos do conflito no país vizinho Mali, que sofreu golpe militar em 2012, após dez anos de relativa estabilidade.

09. **Tanzânia.** Localizado a noroeste da Tanzânia, próximo à fronteira com Burundi, o campo de Nyarugusu, criado no fim da década de 1990, abriga 68.197 congoleses fugidos da guerra civil no país

10. **Índia.** Localizado no sudeste da Índia, o campo de Tamil Nadu (complexo de 112 campos) abriga 66.700 refugiados da guerra no Sri Lanka, onde guerrilheiros de uma minoria étnica lutam pelo separatismo há mais de quinze anos. Na região, ainda mais 34 mil cingaleses vivem fora dos campos de refugiados.

11. **Uganda.** Localizado ao sul da Uganda, próximo à fronteira com a Tanzânia, o campo de Nakivale abriga 58.996 refugiados de Ruanda desde a guerra civil e genocídio na década de 1990.

12. **Paquistão.** Localizado a nordeste do Paquistão, o campo de Vila da Panian abriga 56.820 refugiados afegãos há mais de 30 anos, fugidos de regimes fundamentalistas e guerras em seu país.

13. **Paquistão.** Localizado a nordeste do Paquistão, próximo à fronteira com o Afeganistão, o campo de Vila de Shamshatoo abriga 53.537 refugiados afegãos há mais de 30 anos, fugidos também de regimes fundamentalistas e guerras em seu país.

Síria. Atualmente, diante da luta contra o ditador Bashar al-Assad, mais de 5 milhões de refugiados deixaram a Síria para escapar da guerra civil, colocando pressão sobre países vizinhos que os recebem. (*Número de refugiados sírios supera a barreira de 5 milhões.* <http://g1.globo.com/mundo/noticia/numero-de-refugiados-sirios-supera-a-barreira-de-5-milhoes.ghtml>. Acesso em 22/06/2017)

Desenvolvimento. A ONU denuncia que a tarefa de assistir refugiados esteja cada vez mais sob a responsabilidade de países em desenvolvimento (86%) em contrapartida de países desenvolvidos (14%). Há dez anos, países ricos recebiam 30% dos refugiados e países em desenvolvimento 70%.

Frustração. O que mais frustra as agências de ajuda humanitária da ONU é o número cada vez maior de refugiados, o sofrimento das pessoas, inocentes morrendo ou fugindo destes conflitos, vidas completamente destruídas, e o Conselho de Segurança (Fórum Político da ONU) não ser capaz de resolver antigos conflitos ou prevenir o início de novos, caracterizando paralisia do Conselho quanto à ampliação dessas crises.

Contrafluxo. Por outro viés, a motivação migratória do cognopolita para a cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, vai ao contrafluxo da migração demográfica desta época da Globalização.

Maxiproéxis. Os cognopolitas, habitantes da Cognópolis Foz do Iguaçu, PR, Brasil, vêm, tardiamente ou não, em virtude do Curso Intermissivo *pulsando na intraconsciencialidade* para engajar-se na maxiproéxis conscienciológica grupal em desenvolvimento.

Abdicação. Na maioria das vezes abdicando de condição melhor de sobrevivência física e qualidade de vida na cidade de origem para recomeçá-la em Foz do Iguaçu, procurando conciliar a vida nesta nova cidade com o voluntariado maxiproexológico cognopolitano.

Rentabilidade. Pelas leis da Proexologia e da Evoluciologia, a realização da programação existencial (Proéxis) é rentável ao completista existencial.

Traços. O cognopolita contribui para o fortalecimento do holopensene do Estado Mundial pela manifestação de, no mínimo, 6 traços intermissivos já vivenciados naquela célula conscienciológica do Estado Mundial, a seguir listados em ordem alfanumérica:

1. Congraçamento.
2. Exemplarismo cosmoético
3. Multiculturalismo.
4. Neofilia.
5. Poliglotismo.
6. Universalismo.

Cognópolis. Nesta *Era da Reurbanização Planetária*, enquanto perdurarem os desníveis conscienciais abissais na Terra, as células do Estado Mundial existirão circunscritas a determinadas organizações universalistas e regiões do planeta espalhadas por diversas localidades, a exemplo da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Cognópolis, Foz do Iguaçu, Brasil.

Melhoria. O movimento em prol do Estado Mundial trará como consequência positiva *sine qua non* a melhoria das condições de vida nas diversas localidades do planeta, com a diminuição do fluxo da globalização demográfica e com a modificação do motivo atual que lhe dá causa.

Redistribuição. Esta mudança possibilitará a redistribuição da superpopulação terrestre para regiões com novas e melhores condições de vida sustentável, com o intuito de evitar as migrações em massa e os problemas sociais daí decorrentes.

Política. O Estado Mundial será o momento evolutivo de maturidade dos habitantes da Terra em que prevalecerá a Paz e a união entre os povos, assim como o desenvolvimento de políticas públicas semelhantes a estas 4 listadas abaixo em ordem funcional:

1. **Integração.** O estabelecimento de ampla política de relações exteriores, sobretudo de integração e bem-estar mundiais, e não principalmente da defesa de interesses patrióticos e nacionais observados atualmente.
2. **Erradicação.** Política mundial de erradicação da fome e da miséria como condição básica do desenvolvimento humano, pautado na reeducação consciencial.
3. **Manutenção.** Política de segurança pública em que as forças armadas mundiais, unidas, terão a função de manter a paz mundial e não defender belicosamente os respectivos territórios nacionais.
4. **Defesa.** Em suma, uma política de defesa da Vida do planeta Terra e dos seres que nele habitam.

Contradição. Enquanto a Globalização vem possibilitando a disponibilidade maior de bens, serviços e produtos de nações diversas, bem como o intercâmbio cultural, científico e profissional, também vem gerando o desemprego, a recessão e a diminuição do bem-estar social em muitos países despreparados tecnologicamente para enfrentar a concorrência globalizada.

Forças. Dentre as forças que modelam este movimento, deverá haver uma equalização de perdas e ganhos ao longo do tempo, a partir da *Lei de Causa e Efeito*, onde os desníveis entre os países que participam hoje, ou mesmo os que ainda se fecham dentro de suas soberanias ilusórias, diminuirão pelo próprio propósito de integração ou interdependência crescente entre eles.

Nação. O estado-nação enquanto conjunto que congrega um povo, seu governo e seu território tenderá a desaparecer ou sofrer modificações profundas, transformando o planeta Terra numa única nação, ignorando as fronteiras que delimitam seus territórios.

Complexidade. O grande desafio da Globalização, especificamente a sócio-cultural, é realizar essa transformação internacional, considerando as diferenças e a complexidade das implicações políticas, culturais, religiosas e étnicas existente em cada nação.

Homogeneização. O desafio é realizar a *homogeneização cultural* levando em consideração diferentes culturas, sem ceder aos impulsos do *etnocentrismo*.

Crise. Esta homogeneização desencadeará crises de crescimento nos habitantes de diversos estados-nação, pois ainda existem nações manifestando valores multisseculares, ultrapassados e presentes nos costumes culturais que dificultam e bloqueiam a abertura para outras culturas.

Orgulho. É o *grupocarma-nacional* lutando e resistindo ao *policarma-internacional*, em que se constata o traço do orgulho nacionalista impedindo a unificação com os demais países.

Congraçamento. O Estado Mundial trará inevitavelmente o problema de lidar com tradições diferentes ao mesmo tempo em que nascerá uma cultura homogeneizadora, universalista, antiimperialista, que consiga o congraçamento e a união entre as culturas e os povos da Terra em prol de um bem comum melhor para todos.

Impessoalidade. Constata-se a impotência de ação individual ou mesmo de blocos de países para conseguir deter esta unificação planetária, atualmente baseada na *globalização econômico-financeira*. O processo é impessoal e irreversível.

Abertismo. Deste modo, os posicionamentos unilaterais, facciosos e egoístas tanto a nível individual quanto coletivo retardam a abertura para o Universalismo, ou a expansão do nível de identidade e cidadania.

Universalismo. Universalismo é, antes de qualquer coisa, perceber a tudo e a todos, dentro de suas diferentes singularidades, com a mesma disposição de ânimo interassistencial, megafraterna e cooperativa. Portanto, é vivência pessoal paraperceptiva, cosmovisiológica e cosmoconscienciológica.

Responsabilidade. O reconhecimento e solidariedade perante a crise alheia, seja pessoal, grupal e nacional, como extensão das possibilidades das manifestações humanas, trazem em seu bojo a responsabilidade e oportunidade de crescimento conjunto, compartilhado, em que prevalece o *princípio da interassistencialidade* e o *princípio evolutivo do quem pode mais assiste mais*, segundo as diretrizes do *Maximecanismo Multidimensional Interassistencial*.

MINIGLOSSÁRIO:

Ciclo Multiexistencial Pessoal (CMP). É a série de vidas intrafísicas, humanas, intercaladas por períodos de intermissão da consciência em evolução, dentro da serialidade existencial, ou seriéxis.

Conscienciologia: é a ciência que estuda a consciência – ser, ego, alma, self, princípio inteligente – e suas diversas formas de manifestação. A consciência é você, um ser vivo autoconsciente que se manifesta em outras dimensões fora da vida humana.

Cosmoética: é o estudo da ética ou moral cósmica, multidimensional, além da moral social intrafísica.

Curso Intermissivo: é o período de experiências extrafísicas compreendido entre uma vida humana e outra, ou intermissão, onde a consciência passa por aprendizagens e aulas técnicas, com objetivo de melhor prepará-la para seu próximo período de vida intrafísica, biológica, humana.

Egocarma: é a lei de causa e efeito atuante na evolução da consciência quando centrada exclusivamente em si. Egoísmo, egocentrismo.

Estado Mundial: é a política de intercooperação, intercâmbio e integração universalista entre as Nações do mundo catalisada pelo avanço tecnológico, melhoria da consciencialidade das lideranças e homogeneização progressiva das leis através da influência do Paradireito no Direito Internacional, mantendo os direitos individuais e ampliando a conscientização dos deveres cosmoéticos perante Cosmos.

Evoluciologia: é a especialidade da Conscienciologia dedicada ao estudo da evolução da consciência de modo integral, holossomático, multidimensional e multiexistencial.

Grupocarma: é a lei de causa e efeito atuante na evolução da consciência quando centrado no grupo evolutivo. Estado do livre-arbítrio individual, preso ao grupo evolutivo.

Holobiografia: é o registro da totalidade das vidas intrafísicas representando o acervo de experiências ou bagagem evolutiva da consciência.

Holocarma: é a lei de causa e efeito atuante na evolução da consciência quando considerado o egocarma, o grupocarma e o policarma em conjunto.

Holopensene: é o conjunto de pensenes - pensamentos, sentimentos e energias - de determinado local intrafísico ou extrafísico, consciência ou objeto. Arcaísmo: egrégora; energias gravitantes predominantes.

Intermissão: é o período extrafísico da consciência entre uma vida humana recém-finda e a seguinte, dentro do ciclo multiexistencial pessoal.

Lei de Causa e Efeito: é o conjunto de códigos universais, multidimensionais de regulação da manifestação da consciência, a partir da intencionalidade e do livre arbítrio pessoais (causa), desencadeando repercussões no Cosmos e determinando realidades e pararealidades sincrônicas autovienciadas (efeitos) geradoras do aprendizado quanto ao autodiscernimento cosmoético, em relação ao holocarma, no decorrer da autevolução.

Maximecanismo Multidimensional Interassistencial: é a rede de relações multidimensionais de assistência maxifraterna que se estabelecem entre as consciências em evolução, baseada na hierarquia dos níveis evolutivos.

Paraneossinapses: são as novas sinapses originárias do curso intermissivo prévio à vida humana atual, adquiridas pela consciência.

Policarma: é a lei de causa e efeito atuante na evolução da consciência quando centrado no senso e vivência da maxifraternidade cósmica, além do egocarma e do grupocarma.

Proéxis: é a programação existencial específica de cada conscin elaborada no curso intermissivo para otimizar o processo evolutivo na existência intrafísica.

Reciclagem Intraconsciencial (Recin): é a renovação intraconsciencial da consciência levando-a à autocoerência quanto ao momento evolutivo em que se está manifestando.

Universalismo: princípio filosófico em que prevalece o respeito cosmoético às consciências, independente da raça, cor, credo, origem ou qualquer característica componente da diversidade das consciências em evolução.

Sebastião Feitosa é conscienciólogo, pesquisador da especialidade Evoluciologia, autor de diversos artigos e curso, graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), atualmente voluntário da INTERCONS, mantenedor-coordenador do Holociclo (CEAEC) e integrante do Conselho de Segurança da UNICIN, trabalha na Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA na área de inspeção sanitária em Portos, Aeroportos e Fronteiras.



AUTOLIDERANÇA EVOLUTIVA NA ÁFRICA

Fabio de Oliveira Marques da Cunha e Simone Zolet

INTRODUÇÃO

Neste relato, os autores comentam experiências pessoais marcantes com relação à autoliderança evolutiva, vivenciadas durante viagem de 21 dias na África do Sul, em Joanesburgo e arredores, realizada entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015.

CONTEXTO LOCAL

Tanto na parte moderna de Joanesburgo quanto em Soweto, uma de suas áreas satélites mais carentes, víamos pessoas caminhando de modo altivo. Sua postura física parecia revelar uma conduta mais firme e de responsabilidade perante a própria vida.



Fabio Marques com artista de rua em Soweto.



HUB coworking.

Tal fato nos chamou atenção em contraponto à cultura latina predominante onde, não raro, as pessoas se curvam diante das primeiras dificuldades e assumem postura de vitimização e negativismo, esperando que alguém interceda por elas. Obviamente tal postura não se restringe à cultura latina. Certamente existem pessoas em todos os continentes com maior ou menor autoliderança. Observamos, entretanto, uma diferença atitudinal na África do Sul em relação ao que comumente se vê na América Latina diante de contextos muito parecidos ou até mesmo mais difíceis para os africanos.

O regime de segregação racial terminou oficialmente em 1994. Havia na cidade, como um todo, um clima de pós-conflito recente, semelhante ao presente em famílias que passaram por desavenças e depois se “reconciliaram”. Apesar do histórico de repressão cultural recente, observamos, ao transitar pela cidade, as pessoas expressarem sua cultura de modo autêntico e integral. Sem escondimentos. Seja nas vestes, nas posturas e demais expressões.

Joanesburgo não reflete toda a realidade africana, formada em sua totalidade por mais de 50 países, porém é possível encontrar naquele local o início de uma convivialidade mais sadia e, quem sabe, de um futuro cosmopolita promissor.

AUTOLIDERANÇA EVOLUTIVA EM VIAGEM

Como relatamos no artigo *Tenepes na África: Lições deixadas pelos Africanos*, em nossa experiência na África do Sul em 2015, o contexto extrafísico multidimensional parecia se fazer mais ostensivo, principalmente quando comparado ao nosso país de origem, o Brasil. Talvez isso tenha ocorrido em função da longa existência de ocupação do continente, das bioenergias mais ostensivas da natureza da região, de nossa conexão com o local e da atuação da equipe extrafísica de amparadores durante a itinerância.

A força do pensamento era marcante. Naquele contexto, ficava evidente: *pensar é agir*. Tornava-se premente a necessidade de maior autocentramento. Semelhante a um ambiente extrafísico, o cenário poderia mudar de repente, demandando a necessidade da atenção focada e ininterrupta. Valeu o lema do escoteiro: esteja “sempre alerta”. A interação com uma única pessoa poderia desencadear uma série de circunstâncias, fenômenos e assistências extrafísicas, percebidos como sincronicidades, geralmente atreladas ao nosso tema de pesquisa: notícias correntes sobre empreendedorismo social nos jornais e revistas que caíam em nossa mão, matérias na televisão local, além de situações inusitadas no passeio pela cidade.

Diante de todas estas ocorrências simultâneas e ininterruptas, com mudanças do cenário extrafísico a cada instante, mesclagem de culturas e necessidades assistenciais, como manter a lucidez, a retidão dos pensamentos e a autossustentabilidade para atuar de modo mais efetivo?

Vimos que neste contexto é imprescindível ter o mínimo de autoliderança evolutiva a fim de manter-se no megafoco interassistencial. Sem desvios de rota e sem colocar-se em situações de risco desnecessários.



Universidade de Joanesburgo



Braamfontein.

A capacidade de liderar a si mesmo alinhada aos valores evolutivos pessoais, apesar das circunstâncias multidimensionais adversas, buscando sempre o melhor para todos e a conexão com os amparadores extrafísicos do trabalho interassistencial, denota razoável grau de autoliderança evolutiva. Percebemos ser imprescindível a adoção de algumas posturas pessoais e medidas de segurança, tais como:

- Saber onde ir e para quê.
- Acompanhar as notícias locais, mesmo antes de viajar, e ficar atento à necessidade de correções de rota.
- Manter o estado vibracional profilático sobretudo após cada evocação ou interação energética.
- Alimentar-se bem.
- Ficar atento a todas as suas parapercepções, por menores que sejam.
- Não superestimar seus trafores, e não subestimar os seus trafores.
- Prestar atenção aos contextos, locais, ambientes e pessoas.

- Precaver-se antes de viajar tomando as medidas de saúde necessárias.
- Manter o bom-humor.
- Não julgar nada e ninguém.
- Não fazer tudo ao mesmo tempo. Procure não ter pressa, faça as coisas no tempo que for necessário. Não saia na rua sem um objetivo. Estabeleça uma meta para o dia e evite desvios, contudo, fique atento as parapercepções pois se for necessário, mude.
- Busque ficar atento as dicas extrafísicas sobre onde ir e o que fazer.
- Procure evitar excessos.
- Atente para respeitar os próprios limites.
- Não queira convencer ninguém de nada.
- Lembre-se de que você é o convidado e não o dono do local.
- Analise ao final do dia suas atitudes, pensamentos, sentimentos e padrão de energia, e faça um plano de melhoria para o dia seguinte.
- Não vá na *onda* dos outros, mesmo que sejam pessoas experientes e estejam viajando contigo.
- Procure manter posturas positivas frente ao diferente e ao novo.
- Procure não ficar olhando só o negativo do local ou das pessoas.
- Coloque-se à disposição dos amparadores.
- Procure desenvolver a empatia interassistencial 24 horas por dia.
- Tenha calma e paciência em tudo. Não se irrite com nada.
- Siga seu caminho pesquisístico. Anote, pesquise e analise os fatos.
- Procure bancar financeiramente sua própria viagem.
- Mesmo em grupo, mantenha-se coerente com seu megafoco.
- Seja transparente, evite omissões deficitárias. Caso perceba que alguém do grupo vai se colocar em situações de risco, alerte-a.
- Utilize o princípio da descrença: “Não acredite em nada. Experimente. Tenha suas experiências pessoais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As viagens internacionais podem ser experimentos pesquisísticos conscienciológicos e contribuir na autoanálise do nível de imperturbabilidade e autoliderança evolutiva. O propósito grupal (maxiproéxis) dos voluntários da Conscienciologia envolve a reurbanização planetária, ou seja, contribuir para a melhoria dos ambientes e das relações interpessoais e ecológicas, em prol do melhor para todas as formas de vida. Para que sejamos minipeças de fato nesse maximecanismo interassisten-

cial precisamos ampliar a visão de conjunto e contribuir com nosso melhor através da autoliderança evolutiva. Estar em dia com o que você já é capaz de bancar é estar em dia com sua programação de vida (proéxis).

***“Se você pensa que é muito pequeno para fazer a diferença,
é porque nunca passou a noite com um mosquito.”***

(provérbio africano)



Biblioteca Pública de Sandton.

FILMOGRAFIA SUGERIDA

1. **Invictus**. **Título Original:** *Invictus*. **País:** EUA. **Data:** 2009. **Duração:** 133 min. **Gênero:** Biografia; Drama & História. **Idioma:** Espanhol; Inglês; & Português. **Cor:** Colorido. **Legendado:** Espanhol; Inglês; & Português. **Direção:** Clint Eastwood. **Elenco:** Morgan Freeman; Matt Damon; Tony Kgoroge. **Produção:** Lori McCreary; Robert Lorenz & Mace Neufeld. **Roteiro:** Anthony Peckham. **Fotografia:** Tom Stern. **Música:** Kyle Eastwood & Michael Stevens. **Edição:** Joel Cox. **Estúdio:** Dream Works SKG. **Distribuidora:** Warner Bros. Entertainment. **Sinopse:** Recentemente eleito presidente, Nelson Mandela (Morgan Freeman) tinha consciência que a África do Sul continuava sendo um país racista e economicamente dividido, em decorrência do apartheid. A proximidade da Copa do Mundo de Rúgbi, pela primeira vez realizada no país, fez com que Mandela resolvesse usar o esporte para unir a população. Para tanto chama para uma reunião Francois Pienaar (Matt Damon), capitão da equipe sul-africana, e o incentiva para que a seleção nacional seja campeã.

2. **Uma Boa Mentira**. **Título Original:** *The Good Lie*. **País:** EUA. **Data:** 2014. **Duração:** 110 min. **Gênero:** Drama. **Idioma:** Espanhol; Inglês; & Português. **Cor:** Colorido. **Legendado:** Espanhol; Inglês; & Português. **Direção:** Philippe Fardeau. **Elenco:** Reese Witherspoon; Arnold Oceng & Ger Duany. **Produção:** Ron Howard; Brian Grazer; Karen Kehela Sherwood; Molly Mickler Smith, Thad Luckinbill & Trent Luckinbill. **Roteiro:** Margaret Nagle. **Fotografia:** Ronald Plante. **Música:** Martin Leon. **Edição:** Richard Comeau. **Estúdio:** Alcon Entertainment. **Distribuidora:** Warner Bros. Entertainment & Summit Entertainment. **Sinopse:** Três homens sudaneses, Mamere (Arnold Oceng), Jeremiah (Ger Duany) e Paul (musician Emmanuel Jal), têm a oportunidade de sair do país e conseguir uma vida melhor nos Estados Unidos. Eles são acolhidos por uma assistente social, Carrie Davis (Reese Witherspoon), que pouco conhece sobre o duro passado de cada um. Ela é uma mulher solteira, bem resolvida e muito prática, o que parece estranhíssimo para eles. Aos poucos, tornam-se amigos e descobrem uma nova visão de mundo.

3. **Que Mundo é esse?: conheça o Maior Lixão de Eletrônicos do Mundo, em Gana**. **País:** Brasil. **Data:** 2016. **Duração:** 25 min. **Gênero:** Documentário. **Idioma:** Português. **Cor:** Colorido. **Direção:** Andre Fran & Michel Coeli. **Diretor Executivo:** Rodrigo Cebrian. **Produção:** Felipe Ufo. **Textos:** Andre Fran. **Fotografia e Câmera:** Michel Coeli & Rodrigo Cebrian. **Montagem:** Felipe Cesar Marins & Michel Coeli. **Trilha Original & Sound Design:** Fernando Aranha. **Arte e pós-produção:** Beguido. **Legendas:** Mariana Serra. **Co-produção:** Base#1 Filmes. **Sinopse:** Você já parou para pensar aonde vai parar todo lixo de eletrônicos que jogamos fora? A cada vez que trocamos os celulares por um modelo mais novo ou o computador por outro recém-lançado, o que acontece com o antigo, que será descartado?

Referências Bibliográficas

Cunha, Fabio de Oliveira Marques & **Zolet**, Simone. **Tenepes na África: Lições deixadas pelos Africanos**; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Vol. 20; N. 4; Edição Especial; XII Fórum da Tenepes. IX Encontro Internacional de Tenepessistas, de 16 a 18 de dezembro de 2016. *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Outubro-Dezembro, 2016; páginas 370 a 375.

Vieira, Waldo; **Liderança Pessoal**. *Enciclopédia da Conscienciologia*; rev. Equipe de Revisores do Holociclo; CD-ROM; 2146 verbetes; 300 especialidades; 7ª Ed.; *Associação Internacional Editares*; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC); *Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica* (COMUNICONS); Foz do Iguaçu, PR; 2013, páginas 27 a 31.

Fabio de Oliveira Marques da Cunha. Médico. Pós-graduado em Homeopatia e Especialista em Clínica Médica. Pesquisador independente membro do Colégio Invisível da Liderologia. Docente da Conscienciologia. Tenepessista. fabiomarquesmail@gmail.com

Simone Zolet. *Coach* e Empreendedora. Pós-graduada em Gestão Estratégica de Pessoas, Dinâmica de Grupos e *Coaching*. Escritora. Pesquisadora independente membro do Colégio Invisível da Liderologia. Docente da Conscienciologia. Tenepessista. simonezolet@gmail.com



ROOIBOS E HONEYBUSH: CHÁS SUL-AFRICANOS COM PROPRIEDADES MEDICINAIS

Fernanda Cabral Schweitzer e Mariana Cabral Schweitzer

Chá. Rooibos e honeybush são arbustos nativos da África do Sul, tradicionalmente utilizados para o preparo de chás¹ e reconhecidos por suas propriedades terapêuticas.

Composição. Ambos são ricos em fitoquímicos e minerais com propriedades antioxidantes, antimutagênicas, e imunomoduladoras, não possuem cafeína e possuem baixa concentração de taninos. Estudos científicos não identificaram efeitos adversos do consumo de rooibos ou honeybush (Mckay et al, 2007).

Paladar. Seus chás de coloração avermelhada, aroma adocicado e sabor levemente terroso e acastanhado são apreciados desde a antiguidade pelos povos nativos sul-africanos, que já reconheciam suas propriedades medicinais.

Consumo. No Século XX, a popularidade e interesse pelas duas plantas alcançou âmbito internacional, e o consumo aumentou especialmente após o término das sanções comerciais contra a África do Sul, com o fim do *apartheid* nos anos 90. Atualmente, são largamente comercializadas e seus efeitos para a saúde são pesquisados em diversos países.

Rapport. A utilização do chá de rooibos e honeybush podem promover, além dos efeitos terapêuticos conhecidos, a ampliação do *rapport* com a cultura sul-africana, facilitando ao pesquisador interessado o aprofundamento da autopesquisa seriexológica e a interassistência ao continente africano.

Detalhamento. Nas próximas seções, as características individuais do rooibos e do honeybush serão detalhadas.

ROOIBOS

Origem. Rooibos é uma arbusto nativo da região de Cederberg, na província do Cabo Ocidental, África do Sul.

Nome científico. *Aspalathus linearis*. O primeiro relato botânico foi realizado por Carl Thunberg, em 1772.

¹ Apesar do termo chá ser tecnicamente utilizado apenas para as infusões da planta *Camellia sinensis*, que dá origem ao chá branco, verde, vermelho e preto, optou-se em utilizar o termo “chá” neste artigo para as demais infusões, devido ao uso cotidiano do termo “chá” no Brasil.

Nome popular. Chamado popularmente de rooibos, expressão do dialeto africâner que significa “arbusto vermelho” (Bremness, 2009).

Tipos. Há dois tipos de chá de rooibos, o rooibos tradicional, geralmente chamado apenas de rooibos, e o rooibos verde.

Colheita. As folhas do rooibos são verdes quando colhidas, e através do processo de oxidação, também chamado de fermentação, se tornam avermelhadas. Tal processo de oxidação é semelhante ao que transforma o chá verde, preparado a partir da planta *Camellia sinensis*, nas outras variedades do chá da mesma planta, tais como o chá vermelho (Oolong) e o chá preto. O chá rooibos verde, ainda não oxidado, também é consumido e comercializado em menor escala, sendo mais caro que o tradicional.

Preparação. O chá é preparado fervendo a erva por pelo menos 4 minutos, pois seu aroma e sabor são ampliados quanto mais tempo for fervida. Geralmente é consumido quente, puro ou adoçado, com uma rodela de limão ou ainda com leite (Smith, 2016). Recentemente, foi lançado na forma expressa, semelhante ao café expresso, chamada de “red expresso”, e também na forma de chá gelado.

Sabor. O chá de rooibos tradicional possui aroma e sabor levemente acastanhado, terroso e adocicado. Já o rooibos verde possui sabor mais herbáceo e menos adocicado.

Usos. Seu uso popular remonta às tribos sul-africanas, que preparavam uma bebida tradicionalmente utilizada para tratar problemas digestivos e irritações de pele. Era aplicado ainda em banhos e compressas. Atualmente é popularmente conhecido por tratar a insônia, alergias respiratórias e estresse, além dos problemas digestivos e de pele.

Ação terapêutica. Achados científicos *in vitro*, em cobaias e em humanos demonstram que o rooibos promove diferentes ações:

- antioxidante, ao estimular a produção de substâncias antioxidantes pelo corpo (Mckay, 2007);
- antimutagênica e anticarcinogênica, reduzindo os danos cotidianos ao DNA humano, responsáveis pelo aparecimento do câncer (Mckay, 2007; Bremness, 2009);
- imunomoduladora, ao auxiliar o corpo a produzir anticorpos capazes de reduzir alergias e infecções (Mckay, 2007; Bremness, 2009);
- anti-inflamatória, antiaterosclerótica, e antiviral (Canda et al, 2014).

Composição. Os minerais mais frequentemente listados incluem cálcio, cobre, ferro, flúor, potássio, magnésio, manganês, sódio, fosfato e zinco.

Comercialização. A partir de 1900, o chá começou a ser comercializado em pequena escala, e após a Segunda Guerra ganhou maior popularidade, conquistando os mercados internacionais. Seu potencial terapêutico é explorado também pela indústria farmacêutica, que o comercializa na forma de cápsulas e comprimidos, fora do Brasil.

Conselho. O Conselho Sul-africano do Rooibos, organização independente para promoção do rooibos e seus atributos, apresenta estudos científicos e receitas de preparo no site www.sarooibos.co.za.

HONEYBUSH

Origem. Honeybush é um arbusto nativo da região de Langkloof, entre as províncias do Cabo Ocidental e Oriental, na África do Sul.

Nome científico. *Cyclopia spp.* O primeiro relato botânico foi realizado por Étienne Pierre Ventenat em 1808. Possui aproximadamente 20 variedades diferentes, das quais poucas são comercializadas na forma de chá, sendo a principal a *Cyclopia intermedia*.

Nome popular. Chamado popularmente honeybush, expressão do dialeto africâner “heunin-gbos” que significa “arbusto de mel”, devido ao aroma semelhante ao mel exalado por suas flores.

Tipos. Há dois tipos de chá de honeybush, o tradicional e o verde.

Colheita. As folhas e flores do honeybush são colhidas podendo ser utilizadas verdes, ou serem submetidas ao processo de oxidação semelhante ao do rooibos, quando então se tornam avermelhadas. O chá verde também é consumido e comercializado em menor escala, sendo mais caro que o tradicional.

Preparação. O chá é preparado fervendo a erva por pelo menos 4 minutos, pois seu aroma e sabor são ampliados quanto mais tempo for fervida.

Sabor. O chá de honeybush possui aroma e sabor semelhantes ao do rooibos, sendo ainda mais adocicado. Da mesma forma, o honeybush verde possui sabor mais herbáceo e menos adocicado.

Usos. É popularmente utilizado para alívio da tosse, problemas digestivos, irritações de pele, aumentar o leite materno, e como laxativo e sedativo. Devido à ausência de cafeína o chá pode ser consumido antes de dormir e tem a fama de ser calmante, ainda que sem efeitos sedativos específicos.

Ação terapêutica. Apesar de possuir fitoquímicos diferentes daqueles presentes no rooibos, estudos científicos também demonstram sua ação:

- antioxidante, antimitagênica, anticarcinogênica e imunomoduladora (Bremness, 2009; Mckay, 2007);
- preventiva no diabetes e na diminuição de lipídios do sangue (Dharmananda, 2017; Mckay, 2007);
- efeito expectorante no tratamento da tosse devido à presença de pinitol (Dharmananda, 2017);
- inibidora da reabsorção óssea (Mckay, 2007);
- aliviadora dos sintomas da menopausa, como consequência da presença de isoflovanóides (Dharmananda, 2017).

Composição. Os minerais mais frequentemente listados incluem cálcio, cobre, ferro, potássio, magnésio, manganês, sódio e zinco.

Comercialização. Sua comercialização é menor que a do rooibos, mas está em ascensão.

Associação. A Associação Sul-africana do Chá Honeybush, organização para a promoção de uma indústria competitiva, rentável e sustentável do honeybush, apresenta estudos científicos e receitas no seu site www.sahta.co.za.

COMENTÁRIOS FINAIS

Cultura. A larga influência cultural do consumo de chás, em busca de saúde e bem-estar, apoia-se historicamente nos efeitos e ações terapêuticas que popularmente lhes foram atribuídos.

Propriedades. Através das pesquisas científicas, foi possível comprovar em parte as ações atribuídas aos chás de rooibos e honeybush, e lhes atribuir ainda novas propriedades.

Pesquisa. O contato com os chás apresentados pode predispor o pesquisador a, pelo menos, cinco experiências conscienciológicas práticas:

1. O efeito holossomático terapêutico de beber, aplicar compressas ou ainda consumir suas cápsulas;
2. A pesquisa retrocognitiva de retrovidas na região sul-africana, favorecida pelo fato de estas ervas terem sido consumidas praticamente apenas nesta região, até a expansão do seu comércio no Século XX;
3. Auxiliar na preparação para a possível ressoma na África, na próxima vida intrafísica;
4. A afinidade com a cultura e os povos africanos, predisponentes à assistência intercontinental atual e intermissiva;
5. A ambientação para a itinerância objetivando a bibliodiáspora conscienciológica na África do Sul.

Epílogo. Os chás de rooibos e honeybush são oferecidos no comércio em diversas misturas ou *blends* com outras ervas, atendendo aos diferentes paladares. Convidamos ao leitor interessado a desfrutá-los e terem suas experiências pessoais.

REFERÊNCIAS

1. Bremness L. **The essencial herbs handbook**. Londres: Duncan Baird, 2009.
2. Canda BD, Oguntibeju OO, Marnewick JL. **Effects of Consumption of Rooibos (*Aspalathus linearis*) and a Rooibos-Derived Commercial Supplement on Hepatic Tissue Injury by tert-Butyl Hydroperoxide in Wistar Rats**. *Oxidative Medicine and Cellular Longevity*. 2014, 9 pages. Doi: <http://dx.doi.org/10.1155/2014/716832>. Disponível em: <https://www.hindawi.com/journals/omcl/2014/716832/>
3. Dharmananda S. **HONEYBUSH Healthful beverage tea from South Africa**. **Artigo da internet**. Disponível em: <http://www.itmonline.org/arts/honeybush.htm>

4. McKay DL, Blumberg JB. **A Review of the Bioactivity of South African Herbal Teas: Rooibos (*Aspalathus linearis*) and Honeybush (*Cyclopia intermedia*).** *Phytother.* 2007, Res. 21, 1–16. DOI: 10.1002/ptr.1992
5. Smith K. **World Atlas of Tea: From the leaf to the cup, the world's teas explored and enjoyed.** Londres: Hachette, 2016.

Fernanda Cabral Schweitzer é especialista em Medicina do Trabalho (AMB/ANAMT); graduada em Medicina (UFSC). Voluntária da Conscienciologia desde 1999, atuando hoje na Associação Internacional para Expansão da Conscienciologia (AIEC) e na Associação Internacional de Intercâmbio Conscienciológico (INTERCONS), docente de Conscienciologia desde 2001.

Mariana Cabral Schweitzer é Doutora em Ciências (USP-UCP), mestre em Enfermagem (UFSC), especialista em Acupuntura (CIEPH-Shandong University), especialista em Saúde Pública (UFSC) e graduada em Enfermagem (UFSC). Voluntária da Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial de Ectoplasma e Paracirurgia (ECTOLAB) desde 2013. Membro editorial da Revista Interparadigmas desde 2015.



RELATO DE UMA CONSCIN MESTIÇA: ÁFRICA E EUROPA NUMA SÓ GENÉTICA

Flora Miranda

INTRODUÇÃO

Objetivo. O objetivo deste relato é promover autorreflexões a partir da minha experiência como conscin mestiça, além de descrever fatos referentes à miscigenação racial.

Definição. A conscin mestiça é a pessoa, homem ou mulher, que descende e apresenta características físicas, genéticas, de duas ou mais etnias humanas distintas.

Universalismo. A fusão racial representa o *princípio do Universalismo* a partir da genética. A conscin miscigenada pode entender, na prática, vários pontos de vista diferentes, devido ao senso de pertencimento a múltiplas etnias.

Exclusão. Em virtude da multiplicidade genética, a conscin mestiça pode apresentar características físicas díspares, o que as torna perante a sociedade, uma pessoa “diferente” ou fora dos padrões étnicos e culturais. É possível que a pessoa miscigenada se sinta excluída por grupos raciais, em função de não apresentar na sua totalidade, características específicas daquela etnia.

Sociedade. A sociedade ainda racista ou sectarista necessita classificar a pessoa pela raça, cor, time de futebol ou até orientação sexual, desviando a atenção quanto à verdadeira essência das pessoas: a condição consciencial.

MISCIGENAÇÃO EM PROL DA ASSISTÊNCIA GRUPOCÁRMICA

Renascimento. Sou fruto de um relacionamento entre um pai negro (descendência africana e indígena) e mãe branca, atualmente consciex, (descendência portuguesa e espanhola). Posuo um irmão do primeiro casamento da minha mãe com características semelhantes a ela (cabelos loiros e olhos esverdeados).

Reflexões. Aos 5 anos de idade, comecei a fazer reflexões referentes à condição de ser mulata, pois minha aparência sempre despertou curiosidade nas pessoas ao me verem acompanhada principalmente da minha mãe e irmão.

Jargões. Devido à necessidade da sociedade em classificar as pessoas pela condição racial, durante minha vida ouvia sempre jargões que explicitavam a ignorância das pessoas, como por exemplo:

– “Ela é sua filha? Ela é adotada?”

- “Essa menina é café com leite! Não puxou nem a mãe nem o pai.”
- “Ela é filha mista ou até bastarda.”
- “Você não é preta, nem branca, é marrom, não tem raça definida.”

Identidade. Até a adolescência, eu vivenciava crise de identidade pelo fato de não me sentir pertencente a nenhum grupo étnico. Em função da busca incessante por pertencimento, dos 14 aos 18 anos, me senti mais afinizada com a cultura africana (estudei sobre escravidão e abolicionismo, pratiquei capoeira, etc).

Pais. O posicionamento dos meus pais sempre foi partidário para suas etnias. Meu pai me atentava ao fato de eu ser negra e não negar *minhas origens*. Minha mãe sempre orientou para me reconhecer como miscigenada, possuindo em mim, ambas etnias e não achava certo eu me categorizar somente por negra, se eu era filha dela.

Anticonflituosidade. Porém, aos 18 anos, em momento de reflexão, pude compreender que meu papel era de apaziguar e representar o universalismo a partir da fusão racial. Minha condição permitia adentrar a realidade de outras etnias. Eu continha “passe-livre” em ambas famílias sem apriorismos ou perseguições.

União. Meus pais se conheceram através da música (pai músico e mãe cantora) e começaram a namorar na década de 80 sem aprovação das famílias. A família materna nunca apoiou o relacionamento em função da diferença racial e a família paterna foi resistente no início, porém após alguns meses, aceitou o relacionamento.

Sincronicidade. Devido à descendência de minha família materna ser de colonizadores portugueses e espanhóis, resalto a sincronicidade do meu pai com descendência africana, ter visitado nessa vida, apenas países colonizados por Portugal (Angola e Moçambique), sentindo-se familiarizado com o local.



Foto 1: Vera (mãe)



Foto 2: Marcos (pai)



Foto 3: Flora (filha)

Mapa. Pode-se destacar que os países colonizados pela Espanha foram Saara Ocidental e Guiné Equatorial e os colonizados por Portugal: Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau.

Questionamentos. A fim de fomentar reflexões, eis alguns questionamentos referentes a meu contexto familiar: *É possível que meu pai em vida pregressa, tenha sido colonizado ou escravizado pelos meus avós maternos, visto que eles nunca se afinizaram? Meu nascimento pode ter sido uma estratégia para minimizar pontos negativos entre as famílias, a exemplo de uma aproximação compulsória?*

Reconciliação. No meu caso pessoal, foi possível uma reconciliação e aproximação das conscins de etnias díspares, após meu nascimento. A miscigenação pode ser pano de fundo para ocorrer liberações grupocármicas.

VANTAGENS DA MISCIGENAÇÃO

Listagem. Eis a seguir, em ordem alfabética, 10 benefícios evolutivos alcançados por mim, a partir da miscigenação racial:

01. **Anticonflituosidade íntima.** Autaceitação independente da etnia.
02. **Antirracismo na prática.** A quebra do paradigma racista a partir da consanguinidade.
03. **Autenticidade consciencial.** A autenticidade nos atos, confiança no Curso Intermissivo.
04. **Doadora universal.** Doadora de sangue (tipo O-)
05. **Infiltração cosmoética.** Hipótese de eu ter sido infiltrada cosmoética na família nuclear.
06. **Inteligência física.** A multiplicidade genética pode melhorar as sinapses cerebrais.
07. **Libertação grupocármica.** Atendimento a vários grupos étnicos em uma só vida.
08. **Paradiplomacia étnica.** A prática da cosmoética e respeito pelas etnias.
09. **Permeabilidade intergrupual.** O trânsito livre entre as etnias.
10. **Universalismo.** A força presencial universalista da conscin miscigenada.

VANTAGENS DA AFRODESCENDÊNCIA

Mestiçagem. O fato de ser mestiça me auxilia a pensar sempre nos pontos positivos e negativos da etnia branca e negra. Porém, em virtude das várias vidas passadas, sinto ter maior afinidade com a etnia negra.

Parapsiquismo. O parapsiquismo sempre foi minha linha mestra dentre as especialidades da Conscienciologia. Ao levar em consideração a História do Parapsiquismo, podemos compreender uma maior prática deste atributo por povos negros e indígenas, se comparado aos brancos.

Natureza. Tenho como hipótese que minha afinidade pela Natureza me acompanha há várias vidas. Desde a origem do meu nome até meus comportamentos diários referenciam a Natureza, seja na profissão (Nutricionista) ou em momentos de lazer (jardinagem e contato com plantas).

Dança. A dança sempre me atraiu. Atribuo minha facilidade com ritmos devido à genética africana. A dança não é patrimônio dos negros, mas é comprovado que povos negros e indígenas sempre incluíam a dança como momento de festividade e em rituais parapsíquicos.

Conclusão. A conclusão que atribuo à minha condição de mestiça é de muita responsabilidade assistencial perante vários grupos étnicos. Nada em nossa genética vem aleatoriamente. A paragenética molda a genética de acordo com o propósito dessa vida. “Não há como esconder nosso passado.”

REFERÊNCIA

Miranda, Flora; *Conscin Mestiça*; verbete; In: **Vieira**, Waldo (Org.); *Enciclopedia da Conscienciologia Digital*.

Flora Miranda é nutricionista e professora universitária. Mestre em Tecnologia de Alimentos; especialista em Obesidade / Emagrecimento e Gestão de Restaurantes e Gastronomia. Voluntária da ASSINVÉXIS desde 2007. E-mail: floramirandanut@gmail.com.

SINCRONICIDADES COM A ÁFRICA

Simone Maria Sandi



Tudo começou numa frase casual, aquelas que falamos sem refletir muito, no restaurante do CEAEC (Centro de Altos Estudos da Conscienciologia), antes da apresentação do meu primeiro verbete: “Enquanto eu não melhorar a minha autoestima, bancar o meu holopense pessoal, não vou poder ressonar na África junto com a turma do professor Waldo Vieira. Imaginem nascer em família com seus tradicionalismos e cultura rígida de local onde, considerando ser a África o berço da Humanidade, as interprisões grupocármicas foram criadas em fases mais imaturas da minha consciência.”

Certa vez, o professor Waldo Vieira disse numa Tertúlia Conscienciológica que a próxima ressona dele já estava marcada para ser na África. Depois de dizer isso, olhou para o público, onde eu estava presente, e disse: “E não pensem que eu vou sozinho...”

Fazia tempo que havia observado a importância de fazer uma reciclagem pessoal para bancar a autopenalidade. Já tinha começado a escrever artigo de autopesquisa sobre o assunto, mas foi logo após o comentário ouvido que uma série de sincronicidades relativa à África ocorreu...

Durante experimento no laboratório conscienciológico da Tenepessologia, vi-me projetada e uma consciex exclamou confirmando o que eu, provavelmente, a tinha questionado: “Ah, você quer ser voluntária da IC da África? Só um minuto que vou verificar...” Ouvindo isso, voltei imediatamente ao corpo assustada com a ocorrência: Como eu, no extrafísico, pediria para participar de IC (instituição conscienciocêntrica) enquanto nem havia pensado em fazer isso no intrafísico?

Apresentei o verbete redigido para a Enciclopédia da Conscienciologia e na sequência fiz alguns laboratórios conscienciológicos e participei de dinâmicas parapsíquicas focada neste tema. Muitas sincronicidades aconteceram no agendamento das atividades e em encontros com pessoas que enriqueceram minha autopesquisa, como por exemplo, no agendamento de preceptoría da Conscius

quando identifiquei a incoerência entre meu histórico de vida e aportes proexológicos recebidos com o sentimento de menos valia e insegurança.

Entretanto, ainda pensando naquela projeção inusitada, resolvi escrever para a Kátia Arakaki para falar que o livro *Viagens Internacionais* foi importante no estudo do meu verbete “Convivialidade Marítima”, e também contar sobre a projeção no intuito de ouvir opinião que pudesse me esclarecer mais o que estava acontecendo. Relatei que não era a primeira vez que o assunto África surgia na minha vida.

Quando eu trabalhava em navio, conheci muitas pessoas não só da África do Sul como de diversos países do continente africano que marcaram significativamente etapas da minha existência. Na época, tive companheiro sul-africano com quem vim a ter conhecimento da dimensão do racismo do país. Foi um sul-africano também quem me apoiou na troca de departamento dentro do navio e outros seus conterrâneos me acolheram dentro do setor onde me realizei profissionalmente e tive a oportunidade de superar travões e desafios como, por exemplo: falar os idiomas inglês, italiano e português distintamente, sem misturá-los; estabelecer maior conectividade com o hóspede por meio do acoplamento áurico objetivando entender melhor a excursão que ele queria; superar medos de água e de altura participando das excursões para checar a qualidade do serviço.

No contato com os sul-africanos pude admirar sua profissionalidade, senso de abertismo, disponibilidade, leveza no trato com as pessoas e confiança em delegar o trabalho me fazendo acreditar na minha competência.

Outra situação pessoal envolvendo a África, foi quando retornando aos Estados Unidos, na fila do *check-in* do aeroporto do Rio de Janeiro, confundi a fila da *American Airlines* com a da *African Airways*.

Após ouvir meu relato de sincronicidades com a África, a Kátia, me perguntou se na minha cidade havia universidades, propondo de eu distribuir o *Léxico de Ortopensatas*, de autoria do professor Waldo Vieira. Eu prontamente aceitei, em poucos dias recebi caixa com 3 volumes.

Entreguei os *Léxicos de Ortopensatas* em duas universidades e numa biblioteca pública na cidade de Caxias do Sul. Nas primeiras duas entregas constatei que a tarefa não era simplesmente entregar os livros, mas era necessário ter preparo energético e conexão com os amparadores, informação posteriormente confirmada por voluntário da Intercons.

Na sequência, recebi mais 10 conjuntos de dois volumes do *Léxico* e comecei a distribuir nos arredores de Caxias do Sul. A cada entrega, uma nova história. Desta vez, fui sempre acompanhada por algum colega. Verifiquei também que a euforin sentida devido às entregas também proporcionava certo contrafluxo.

A sincronicidade com a África ainda não acabou. Numa palestra gratuita do IIPC (Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia), uma amiga teve *insight* de me indicar para vaga numa empresa. Fiz a primeira entrevista com a responsável pelo recrutamento e a segunda, seria rea-

lizada no dia seguinte com a coordenadora comercial. No dia da entrevista, senti desconforto como se tivesse desviando do meu caminho, e torci intimamente para ela dizer que eu não estava apta para a vaga. Dando-me conta do que estava pensando, repreendi-me pedindo ajuda aos amparadores, pois estava em dúvida se o sentimento era autoboicote ou provindo de *insight* real. No encontro com a coordenadora, a qual foi muito acolhedora elogiando meu currículo, ela falou o que eu já havia previsto: eu não tinha experiência na função e não havia ninguém para me ensiná-la. Dizendo isso, lembrou de colega à procura de alguém com meu perfil profissional para vaga em que a fluência do idioma inglês era fundamental porque a empresa faz negócios com a África do Sul.

Aquela era a senha e uma quietude apossou-se de mim. Uma semana depois estava trabalhando na empresa. Nem um mês havia se passado, e o cliente da África do Sul apresentou ordem de compra que não fazia há meses.

No mesmo período, ganhei um porta-papel com duas girafinhas de ferro na frente. Ainda não sabendo como usar coloquei-o na escrivaninha; logo foi ocupado para guardar uma conta. Resolvi trocar de lugar colocando-o automaticamente ao lado de elefante de resina...

Enfim, não sei onde esta senha me direcionará nesta existência, porém considerando as sincronicidades percebidas e o andamento dos acontecimentos, já posso tatear o que me espera para a próxima ressonância.

Simone Maria Sandi. Graduada em Tecnologia em Hotelaria e Pós-Graduada MBA Gestão Estratégica de Pessoas, pela UCS - Universidade de Caxias do Sul. Trabalha como analista comercial. É voluntária e docente no IIPC - Instituto Internacional de Conscienciologia e Projeciologia, desde 2011. E-mail: smsandi@gmail.com.



AS RELAÇÕES BILATERAIS BRASIL – ÁFRICA: UMA DESCOBERTA

Patrícia Garcia Carvalho

Caros Amigos(as) africanofílicos(as) quero compartilhar uma grata descoberta!

A atuação na bibliodiáspora em dezembro/janeiro de 2016 na África do Sul despertou o interesse pela cultura do continente africano e por identificar oportunidades de cooperação bilateral. Em julho de 2016, tive a oportunidade de participar no evento, Implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, agenda 2030 e o papel da rede de Gestão Participativa da Água, com representantes de Moçambique, África do Sul, Índia, Filipinas, Bolívia, Guatemala, República Dominicana e de organismos internacionais tais como, FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), ONU (Organização das Nações Unidas), UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

E um painel chamou-me a atenção, Cooperação como instrumento de acesso à ciência, à tecnologia e à transferência de conhecimento. Cooperação Norte-Sul e Sul-Sul, no qual participava o Presidente do Instituto Brasil África, Sr. João Bosco Monte¹.

Que descoberta interessante, existe um Instituto que trata das relações Brasil e África e estava ali, bem perto!!! Ao terminar o painel e os palestrantes se dirigirem para o auditório percebi a oportunidade de abordá-lo, me apresentei e expus rapidamente o objetivo de distribuir livros no continente africano. A conversa se prolongou até o coffee-break, trocamos cartões e o mútuo interesse de continuidade da conversa. João Bosco me apresentou o IV Fórum Brasil África que iria ocorrer em novembro no PTI (Parque Tecnológico de Itaipu).

O Instituto Brasil África está sediado em Fortaleza, Ceará, e tem como missão, “facilitar a aproximação sócio, político e cultural entre o Brasil e o continente africano, centrando suas ações na promoção e desenvolvimento econômico e social, no combate à pobreza, valorização da ética, da paz, da cidadania, respeito aos direitos humanos, à democracia e outros valores universais” (<http://www.institutobrasilafrika.org>, novembro, 2016).

¹ O professor João Bosco Monte, fundador e atual presidente do Instituto Brasil África é Pós-doutor pela Universidade de Brasília (UNB), tendo como objeto de pesquisa a Integração do Continente Africano. Também é Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do CNPq, Monte também atua como consultor internacional de organizações brasileiras e estrangeiras e é colunista e comentarista de importantes veículos de comunicação do Brasil, abordando questões relacionadas com as relações entre os diversos atores internacionais.

IMPLEMENTAÇÃO DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AGENDA 2030 E O PAPEL DA REDE DE GESTÃO PARTICIPATIVA DA ÁGUA

27 a 29 de julho

Foz do Iguaçu Paraná - Brasil

REALIZAÇÃO
REDE BRASIL

FINANCIAMENTO
BNDES
AGUA RUA
ITAIPU BINACIONAL

COLABORAÇÃO
Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura
Programa Estratégico Internacional

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA ALIMENTACIÓN Y LA AGRICULTURA

FIN UNO

APOIO INSTITUCIONAL
ANA

O instituto edita trimestralmente a revista Atlântico que objetiva aproximar Brasil e África, e inspirar pessoas que, no dia a dia, pensam e fortalecem as relações entre o Brasil e os países africanos. A revista é bilíngue (inglês/português) com tiragem média de 5.000 exemplares, distribuição gratuita e está disponível no site da instituição.



Em setembro, retomei o contato com João Bosco, pois um colega da Intercons iria a Fortaleza e se prontificou a levar os exemplares de nossa Revista Intercons e apresentar nosso trabalho. Sebastião Feitosa entregou em mãos os informativos e as nossas revistas para a vice-presidente do Instituto, pois João Bosco encontrava-se no Exterior.

No mês de novembro de 2016, ocorreu o 4º Fórum Brasil África – estratégias para o desenvolvimento da agricultura no Brasil e na África com o objetivo favorecer um amplo debate sobre as oportunidades do setor agrícola do Brasil e da África, promovido pelo Instituto e em parceria com várias instituições. Participaram representantes de governos e do setor privado, líderes empresariais, investidores potenciais e acadêmicos.

O foco das discussões foi a agricultura, estratégias de cooperação, aspectos do desenvolvimento tecnológico, segurança alimentar, energia, alimentação escolar, cadeia produtiva local, redução de pobreza, projetos sustentáveis, agronegócio, cooperativas agrícolas, logística e desenvolvimento humano.

Estiveram presentes representantes de vários países africanos e da América Latina. Na sessão 1: Melhorando a eficiência da agricultura por meio de estratégias de cooperação pude verificar o volume de recursos do Brasil aplicados em mais de 40 países africanos através da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) que tem como objetivo: coordenar, negociar, aprovar, avaliar e financiar ações de cooperação técnica internacional no Brasil e em países em desenvolvimento. Além de implementar a assistência humanitária.


Em 2015, 33% dos projetos realizados foram desenvolvidos no continente africano, 63% na América Latina e Caribe e 4% na Ásia, Europa, Oceania, Oriente Médio. Contudo, 72,06% dos re-

curso financeiro foram investidos na África. De 2009 a 2015, a média de recursos executados pela Agência foi de US\$ 27.000.000/ano. Os recursos a serem investidos no continente africano entre 2016 e 2019 é de US\$18 milhões, abaixo da média de investimentos de 2009 a 2015 que foi de 12 milhões/ano. Os setores que recebem mais investimentos são saúde (22%), agricultura (19%), educação (14%), e meio ambiente/administração pública/cidades (5%) e desenvolvimento social (4%), dados do período entre 2008 a 2014. Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau são os países com maior número de projetos em execução (2016).

Em termos de projetos estruturantes, o total de investimentos atinge US\$ 41 milhões (veja quadro descritivo), e engloba diferentes setores, agricultura, urbanismo, saúde, educação, desenvolvimento social, cultura.

USD 41 milhões em Projetos Bilaterais Estruturantes na África

Projetos Estruturantes				
País	Título	Área	Implementadoras Brasileiras	Recursos da ABC (US\$)
Argélia	Transferência de conhecimento para produção de Gemas Lapidadas, Jóias e Artesanato Mineral	Cultura	ABRAGEM	903.737,40
Guiné-Bissau	Centro de Formação Profissional Brasil-Guiné-Bissau / Fase II – Revisão B	Educação	SENAI	2.970.681,60
Cotton-4	Apoio ao Desenvolvimento do Setor Algodoeiro dos Países do Cotton-4 (Benin, Burkina Faso, Chade e Mali)	Agricultura	EMBRAPA	5.219.451,00
Cotton-4 + Togo	Segunda fase do Cotton-4 (Benin, Burkina Faso, Chade, Mali, Togo)	Agricultura	EMBRAPA	4.616.750,00
Cotton Victoria	Apoio ao Desenvolvimento do Setor Algodoeiro na Tanzânia	Agricultura	UFPA	6.900.000,00
Cotton Shire-Zambeze	Projeto Regional de Fortalecimento do Setor Algodoeiro nas Bacias do Baixo Shire e Zambeze	Agricultura	EMBRAPA	3.397.750,00
Gana	Centro de Hemoterapia e Doença Falciforme Brasil-Gana	Saúde	Ministério de Saúde, UFMG e Hemominas	4.500.000,00
Moçambique	Capacitação em Produção de Medicamentos Anti-Retrovirais	Saúde	Ministério da Saúde	754.530,00
Moçambique	Apoio ao Desenvolvimento Urbano de Moçambique – Fase II	Desenvolvimento Urbano	Caixa Econômica Federal	1.236.006,00
Moçambique	LIAB - Moçambique	Educação	MEC/CAPEL	488.797,00
Moçambique	Modernização da Previdência Social de Moçambique	Seguridade Social	MPS/DATAPIEV/INSS	615.475,00
Moçambique	Projeto de Fortalecimento da resposta de Moçambique à epidemia de HIV e SIDA	Saúde	Ministério da Saúde	931.132,00
São Tomé e Príncipe	Centro de Formação Profissional Brasil – São Tomé e Príncipe	Educação	SENAI	4.073.428,00
São Tomé e Príncipe	Apoio ao Programa de Luta contra a Tuberculose em São Tomé e Príncipe	Saúde	Ministério da Saúde	1.153.698,83
São Tomé e Príncipe	Apoio ao Desenvolvimento da Produção de Artesanato em São Tomé e Príncipe – Fase II e III.	Desenvolvimento Social	Instituto Mairal	1.250.393,88
Senegal	Apoio ao Desenvolvimento da Rizicultura no Senegal	Agricultura	EMBRAPA	1.889.378,00
Tunísia	Desenvolvimento e Valorização das Plantações de Eucalipto na Tunísia	Agricultura	EMBRAPA	254.940,00
Total				41.156.148,66


Cooperação Internacional Brasileira

Fonte: ABC, 2016. Quadro descritivo de investimentos estruturantes.

Na agricultura e pecuária, a ABC tem investido em projetos de extensão rural, formação de formadores e agricultura familiar. Na produção de algodão, os países Benin, Burkina Faso, Chade, Mali, Togo, Senegal, Burundi, Quênia, Tanzânia, Maláui, Zâmbia, Zimbábue têm recebido investimentos na produção e capacitação, (manejo de pragas, melhoramento genético e técnicas produtivas) e fortalecimento das bases produtivas na agricultura familiar associada à cotonicultura.

Projetos de agricultura agroecológica (Senegal), segurança alimentar (Quênia), pecuária leiteira (Burquina Faso), Alimentação Escolar Sustentável (Burundi, Costa do Marfim, Etiópia, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Malawi, Moçambique, Níger, Ruanda, Senegal, Tanzânia), Produção Sustentável de Hortaliças (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe), e agropecuária (Moçambique) compõem o cenário de projetos em execução na área agropecuária.

O Diretor Executivo do *Forum for Agricultural Research in Africa* (FARA) ressaltou que embora a agricultura seja a principal fonte de subsistência, pois emprega cerca de 2/3 da mão de obra, não tem a mesma força na Cooperação sul-sul global, como têm o petróleo, a mineração e a construção. E concluiu reforçando que transformar a agricultura é uma condição básica para que se dê a transformação econômica no continente e que a experiência brasileira é essencial na cooperação bilateral.

Os demais palestrantes envolveram tecnologias agrícolas, cooperação técnica multilateral, projetos de desenvolvimento agrícola em atividade e acordos bilaterais de cooperação financeira e tecnológica. O Brasil foi citado como referência para a melhoria da agricultura em todo o continente africano.

Um aspecto do comportamento dos presentes ao evento chamou a atenção, o bom humor dos representantes dos diferentes países africanos, a abertura para o aprendizado e para a cooperação. O ambiente do evento era aberto, dialógico, de muita organização e respeito entre os participantes. Outro aspecto mobilizou nossa atenção, o número de mulheres africanas das universidades e instituições governamentais e de cooperação internacional. A valorização da cultura africana estava manifesta nos trajes e adereços usados, belos e de cores intensas!

A participação no evento consolidou o reconhecimento da gama de possibilidades e necessidades de atuação no continente de pessoas e instituições que tenham afinidade e disponibilidade de investir *expertise*, tempo e dinheiro em projetos e ações que repercutam na melhoria das condições de vida na África.

Fica aqui o nosso convite para acompanharem o Instituto Brasil-África e as atividades da Intercons.

Patrícia Garcia Carvalho é voluntária e docente da Conscienciologia desde 1996. Bióloga. Mestre em Geografia e Análise Ambiental. Doutoranda pela Universidade Federal de Minas Gerais. Consultora na área socioambiental. Voluntária da INTERCONS.



Ilídio Macaringue
em Brasília.

ENTREVISTA ILÍDIO MACARINGUE

Sebastião Feitosa



Ilídio Macaringue, proveniente de Moçambique é docente universitário, autor do livro *Políticas Linguísticas e Nacionalização do Português de Moçambique*, publicado pela editora Epígrafe, e doutorando na Unioeste em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Conheceu a Cognópolis em 2014, quando participou do Círculo Mentalsomático, ainda coordenado pelo Professor Waldo Vieira. O professor Ilídio é exemplo de dedicação ao aprofundamento nos estudos objetivando a qualificação profissional e o desenvolvimento de instituição assistencial na África em prol da ajuda de jovens e mulheres, no país de origem.

1. Quando e onde você nasceu?

R: Nasci aos 22 de Maio de 1976, na cidade de Maputo, capital da República de Moçambique, numa família de classe média. Sou o quarto do total de 5 irmãos.

2. Como foram suas vivências na infância e na juventude no âmbito familiar e social em Moçambique, e em que fase da vida começou seu interesse pelos estudos?

R: Considero-me privilegiado pelo facto de ter tido a oportunidade de nascer e crescer numa família unida e humilde. Os meus pais, infelizmente, já faleceram, foram das pessoas mais extraordinárias que conheci na minha vida, por terem me educado com valores que até hoje têm sido muito úteis na minha vida (pessoal, social e profissional).

Da minha infância e juventude, tenho apenas recordações muito boas. Desde cedo fui educado a temer a Deus, razão pela qual a igreja, no caso a católica, foi uma presença constante na minha vida, tendo recebido praticamente todos os sacramentos faltando apenas o de matrimónio.

Uma das coisas que mais me marcou neste período foi a exposição excessiva ao mundo através de jornais, revistas, rádio e televisão. Na época, ainda não havia acesso à internet em Moçambique. Esta familiarização permitiu-me desenvolver, desde cedo, o contacto com variados e diversificados assuntos da vida nacional e internacional. E a meu ver, valera a pena a prática que o meu pai teve: no fim do dia, ele trazia o jornal do serviço e eu e o meu irmão mais novo, na época com 14 anos de idade, líamos as notícias do jornal e depois do jantar reflectíamos em conjunto com ele, expondo o que tínhamos lido e compreendido.

Paralelamente a isso, assistir ao noticiário na televisão ou acompanhá-lo pela rádio era uma obrigatoriedade cívica indispensável já que depois precisávamos expor a súmula das notícias nas nossas habituais conversas pós-jantar.

Então, uma das consequências disso foi que desenvolvi grande interesse pelos estudos e apaixonei-me pela área de Letras (cursei licenciatura em Ensino de Português) e da Comunicação, de tal forma que aos 21 anos fundara um jornal, isto é, em 1997, que foi registrado e teve a respectiva licença de operação com o nome “Nadeco Informes”.

Portanto, este jornal (em formato A4), que era de distribuição gratuita, e também estava disponível em formato digital na internet, era propriedade do NADECO- Núcleo de Amizade para o Desenvolvimento da Comunidade Rural, uma associação juvenil sem fins lucrativos, da qual também fui mentor, e que actuava, de entre outras, nas áreas social, cultural e desportiva.

Esta associação, que no seu auge chegou a movimentar aproximadamente 200 jovens nas áreas de desporto com uma equipa de voleibol (categorias juvenil e júnior); cultura (com grupo de modelos, de dança tradicional e de dança moderna) e na área de entretenimento (com duas agências de produção de espectáculos), cujas receitas serviam para financiar as suas actividades sociais, acabou por encerrar as suas actividades em 2006 devido a novos desafios de formação académica e profissional de parte significativa dos seus membros activos.

Além disso, a minha paixão pela área de comunicação fez com que, em 1999, iniciasse a carreira de locutor de rádio na RTK (Rádio e Televisão Klint) e de 2000 a 2001, na mesma emissora, passei a ser apresentador de televisão do programa “Talk Show”, no qual entrevistava pessoas famosas das mais variadas áreas.

Portanto, posso dizer que a minha infância e juventude foram férteis em realizações, frustrações e sonhos, até porque acredito que inconscientemente acabei por acelerar algumas etapas do meu crescimento pessoal pela força das circunstâncias da vida.

3. Como é viver em Moçambique? A Cultura, o Povo, as Tradições e os Costumes?

R: Começaria por dizer que Moçambique é um país extraordinário, com uma incomensurável e rica biodiversidade e cerca de 2.515 quilómetros de costa. Por isso, somos um paraíso na região Austral de África, pelo facto de termos muitas praias, ilhas e também a terceira maior baía do mundo; a Baía de Pemba, na província de Cabo Delgado, Norte do país.



Em Foz do Iguaçu, com esposa Judite e filho Alfredo.

Apesar de viver actualmente no Brasil a estudos; faço doutoramento em Sociedade, Cultura e Fronteiras na UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Foz do Iguaçu, é bom viver em Moçambique e recomendo, pois apesar dos inúmeros problemas por que o país passa actualmente, que os considero passageiros, nomeadamente a tensão político-militar e a crise económico-financeira, factores que acabam por trazer alguma tensão social, o povo moçambicano é hospitaleiro e acima de tudo tolerante e sabe viver e conviver na diversidade e na adversidade.

Por exemplo, desde 1975 como Estado independente, não obstante o país ter vários grupos étnico-linguísticos e variadas crenças religiosas, nunca foram registrados confrontos dessa natureza. Ademais, o país tem sido procurado por vários imigrantes africanos e asiáticos, mas também alguns europeus e sempre foram bem recebidos.

Por conta da sua diversidade étnica e linguística, Moçambique acaba por ter uma riqueza cultural e linguística muito significativas manifestadas na música, na dança, na culinária, nas artes, cujas manifestações variam de região para região retro-alimentando de forma permanente a nossa cultura e as 22 línguas bantu, para além do Português que é a língua oficial.

Em 2006, por exemplo, o país viu um dos seus instrumentos e dança serem reconhecidos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) como património imaterial da humanidade – a Timbila, uma manifestação cultural de Zavala, província de Inhambane, Sul do país, e que desde então desperta a curiosidade de centenas de milhares de pessoas (nacionais e estrangeiras) que anualmente marcam presença no chamado Festival de Timbila de Zavala.

Apesar da diversidade étnico-linguística e cultural e da força das tecnologias de informação e comunicação que contribuem para o choque (positivo e negativo) de gerações e de culturas, posso afirmar que ainda existem algumas tradições que não foram impactadas pelas tecnologias.

Por exemplo, o culto e o respeito da memória dos antepassados continua a ser uma prática constante, razão pela qual sempre que se justificar são celebradas cerimónias tradicionais para a evocação da chuva, para aumentar a produção nos campos de cultivo, vulgarmente denominados machambas, para a cura de doenças, para a retirada de maus espíritos, para ter sorte na vida profissional e sentimental, etc. Outrossim, ainda persistem as práticas de poligamia cujo objectivo é ter mais filhos considerados um capital importante para a produção agrícola, pecuária e pastorícia. E mais, filhas também significa ter mais cabeças de gado como moeda de troca, quando elas atingem a maioridade, para irem ao lar. Então, muitos filhos significa riqueza.

Além disso, em algumas tribos, sobretudo de algumas regiões do Centro-Norte do país, a mulher desempenha o papel de chefe de família, enquanto em outras do Centro-Sul o papel é maioritariamente desempenhado pelo homem. Isso explica o facto de a primeira ser considerada de matriz matrilinear e a segunda patrilinear, embora reconheça que a dinâmica social tenha provocado o deslocamento de fronteiras culturais e como consequência algumas tradições ficaram híbridas, impossibilitando a sobrevivência destes marcos característicos.

4. Como e quando surgiu o objetivo pessoal de intercâmbio acadêmico no Brasil? Quais foram as facilidades encontradas e quais as dificuldades enfrentadas?

R: A ideia de intercâmbio surgiu no quadro da política de internacionalização da universidade na qual dou aulas em Moçambique e, em 2012, apresentaram-me a proposta para vir ao Brasil e fazer mestrado na UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu, e uma vez que já gostava do país devido às novelas, música e carnaval, manifestações culturais bastante acompanhadas em Moçambique, não pensei duas vezes. Aceitei de imediato o desafio e desde já o meu agradecimento ao meu director, o Professor Padre Ezio Bono.

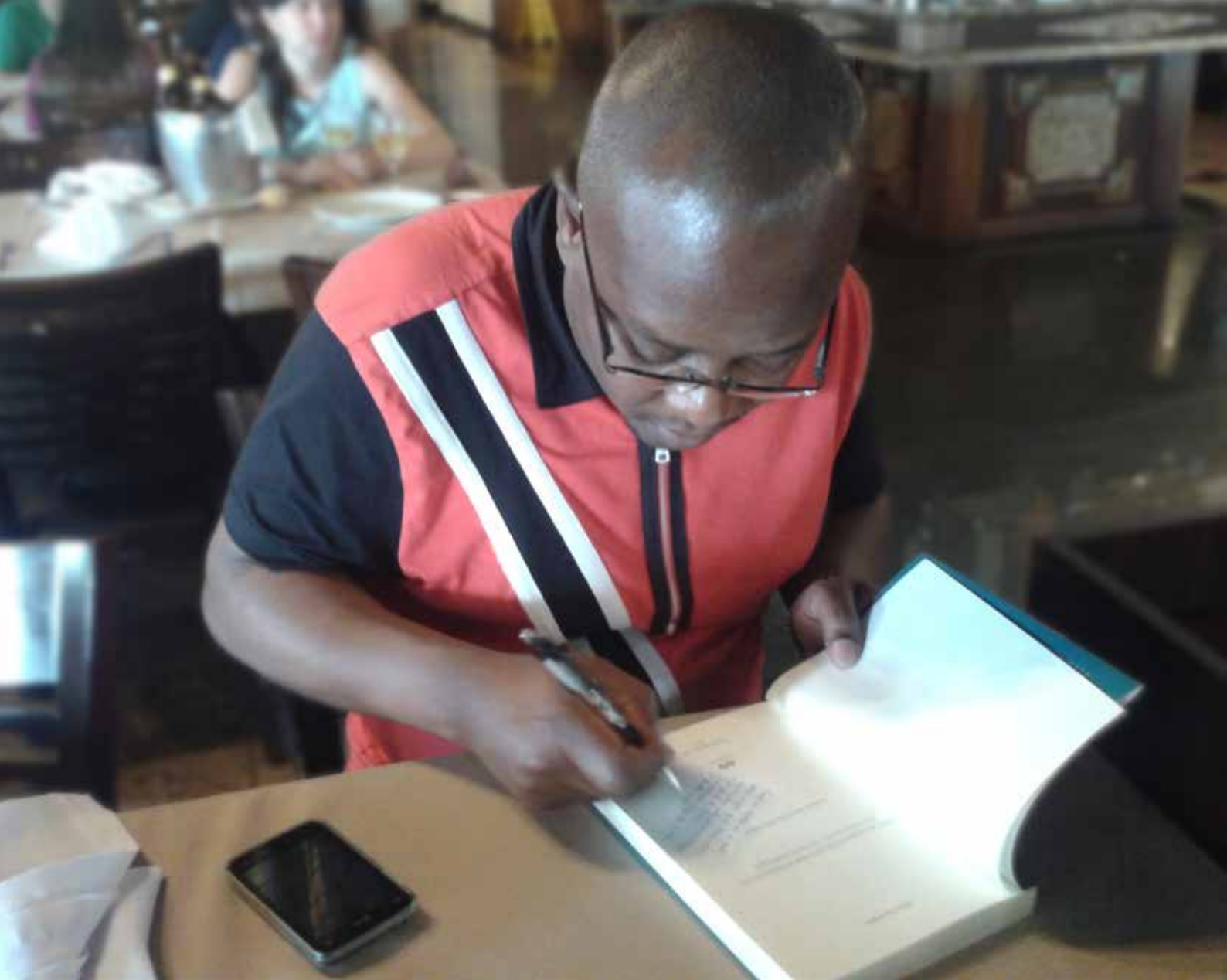
Digo desafio, pois não foi fácil deixar a minha família e rumar para um lugar no qual não conhecia ninguém. Porém, a hospitalidade dos brasileiros veio ao de cima. É aí que entra um casal que jamais me irei esquecer: Professor Fernando Martins e a Professora Maridelma Laperuta, dois anjos que apareceram na minha vida sem os quais este sonho teria sido uma miragem. Refiro-me a eles pontualmente, porque foram os primeiros a me ajudar e a criar as bases para a minha instalação no

país. É certo que também tive a ajuda de tantas outras pessoas a posterior e por temer me esquecer de alguns nomes prefiro não as mencionar e espero que se sintam representadas. Só tenho a agradecer e muito a este povo e ao país.

Das poucas dificuldades que tive, destaco a componente língua (são normas linguísticas diferentes), a mudança de hábitos e gerir a saudade e a família à distância. Contudo, a força de vontade fez-me superar todas as dificuldades.



Na UNIOESTE.



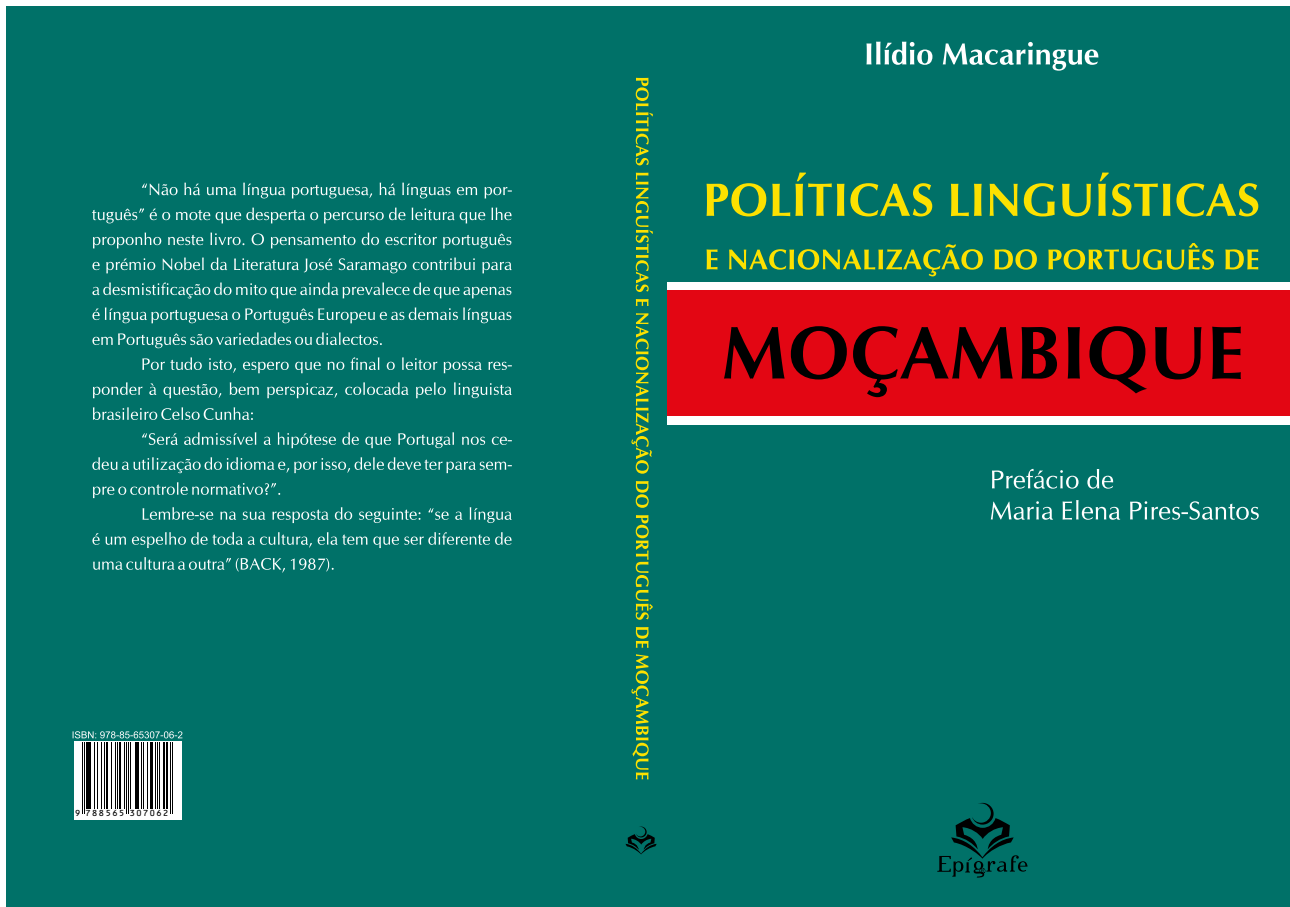
Ilídio Macaringue autografando seu livro.

5. O que mudou em sua vida após a publicação do livro de sua dissertação de mestrado?

R: Tudo! Digo isso porque ganhei mais visibilidade e o livro foi muito bem recebido em Moçambique, de tal forma que todos os exemplares que me foram disponibilizados esgotaram. É uma daquelas etapas fantásticas da minha vida. Realizei um sonho quase impossível.

Imagina só, eu vim para estudar e depois para regressar e dar continuidade ao meu trabalho de docência na minha universidade (Universidade Pedagógica, Delegação de Maxixe – UP MAXIXE/ UNISAF). Porém, a conjugação de energias positivas, por meio de Deus e de uma pessoa maravilhosa, a que lhe devo muito, o Alexandre Zaslavsky, conduziu-me a quem lhes devo muita gratidão: os voluntários da INTERCONS que ficaram sensibilizados com o meu sonho de publicar o que havia pesquisado durante os dois anos de formação e sensibilizaram mais voluntários para financiarem a publicação.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para endereçar um agradecimento muito especial para cada voluntário da INTERCONS que acreditou neste projecto, e de modo particular para Sebastião Feitosa, Tony Musskopf e Tathiana Mota.



Capa e contracapa do livro derivado da dissertação do mestrado.



Ilídio Macaringue com Prof. Waldo Vieira no hall do *Tertularium*.

Também um agradecimento especial à minha competente orientadora, Professora Maria Elena Pires-Santos, sem a qual nunca teria existido o livro “Políticas Linguísticas e Nacionalização do Português de Moçambique”.

6. Quais são os seus objetivos de vida atualmente?

R: Actualmente estou focado na minha formação contínua, por isso que regresssei ao Brasil em Julho de 2016, juntamente com a minha esposa e filho, para fazer doutoramento na UNIOESTE. Gostei tanto da universidade e da cidade de Foz do Iguaçu ao ponto de considerar o Brasil minha segunda pátria. Sinto-me bem aqui!

Para além dos estudos, pesquisa e palestras sobre a historiografia africana, moçambicana e afro-brasileira, dedico-me na ONG que ajudei a refundar, o NADECO, e agora com novos focos de actuação, daí a denominação NADECO – Instituto para o Desenvolvimento Humano.

7. O que propõe a ONG NADECO?

R: O NADECO define-se como uma organização social de direito privado, sem fins lucrativos, laica, apartidária, dotada de personalidade jurídica e com autonomia administrativa e financeira, e voltada para o Desenvolvimento integrado do Homem na sociedade onde estiver.

Dado o seu carácter Humanístico, Humanitário, Solidário e Desenvolventista, o NADECO tem como objectivos: 1) Promover acções de assistência social para os mais necessitados, tais como: concessão de bolsas de estudo; capacitação técnico-profissional; ampliar o acesso a informações sobre prevenção de doenças; acesso aos direitos constitucionalmente estabelecidos; desenvolver advocacia para o acesso a fundos de apoio a projectos de empreendedorismo; dentre outras; 2) Desenvolver acções e estimular o acesso dos mais necessitados à educação e à saúde por meio de projectos integradores e estruturantes; 3) Promover o desenvolvimento humano por meio de acções multiplicadoras que estimulem a criatividade, a autoestima, o conhecimento e a autodescoberta das potencialidades individuais e colectivas; 4) Fomentar acções de empoderamento por meio de empreendedorismo; 5) Promover a cultura moçambicana e o intercâmbio com demais povos do mundo; 6) Desenvolver acções em prol do ambiente, desenvolvimento sustentável e educação cívica para a cidadania; 7) Promover e divulgar o património sociocultural, sociolinguístico e histórico-material de Moçambique a nível nacional e internacional; 8) Desenvolver campanhas cívicas de sensibilização contra várias doenças endémicas na sociedade; 9) Promover cursos profissionalizantes de curta-duração para jovens desempregados; 10) Realizar estudos e pesquisas científicas para contribuir na busca de respostas aos diversos problemas que ocorrem na sociedade; 11) Estimular e desenvolver o intercâmbio cultural e científico entre os povos.

Neste momento temos três projectos-âncora para o próximo triênio (2017- 2020), à espera de potenciais parceiros, nomeadamente:

a) Projecto “Um tecto para salvar vidas”: Consiste na construção de um edifício multifuncional no qual funcionará uma escola (de educação infantil ao ensino primário geral); uma biblioteca; um auditório; uma cozinha e sala de refeições; um posto de saúde (para atendimento ambulatorio e distribuição de medicamentos), oficina para cursos profissionalizantes (informática, cabeleireiro, beleza e estética, corte e costura, culinária saudável); pavilhão desportivo para prática de desporto e descoberta de talentos; bloco residencial Tipo 1 para colaboradores (nacionais e estrangeiros), composto por 5 casas.

b) Projecto “Intercâmbio sem fronteiras”: consiste em promover o intercâmbio científico, pedagógico e cultural entre estudantes de vários países com os de Moçambique.

c) Projecto “Roda livro”: consiste em potenciar bibliotecas das escolas que se encontram nas zonas rurais dos municípios de Maputo e Matola com todo o tipo de material de leitura.

8. Como os voluntários da CCCI – Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional podem contribuir com a ONG NADECO?

R: Os voluntários da CCCI já têm provas dadas pelo mundo com acções de solidariedade concretas. Por isso, considero que a CCCI é uma parceira importante para a viabilização dos nossos projectos e espero que esta entrevista possa abrir as portas para tal.

9. Como você vê a situação de Moçambique no continente africano sob o ponto de vista de desenvolvimento social, económico, humano e ambiental?

Moçambique é um país privilegiado dada a sua excelente localização e a extensa costa marítima, o que lhe permite servir de base de importação e exportação para os países do *hinterland*; sem acesso ao mar, na região Austral de África. Estou a falar de Suazilândia, Zimbábwè, Zâmbia e Malawi.

Portanto, esta localização confere ao país um estatuto especial na região: o de plataforma giratória que energiza as economias destes países visto que usam os portos moçambicanos para importarem e exportarem os seus produtos e serviços.

Além disso, tem muitos rios e possui a quarta maior barragem do continente; a Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB), localizada na província de Tete, Centro do país, que fornece energia à África do Sul, Malawi, Zimbábwè, Zâmbia e Suazilândia. Por isso, é uma potência energética na região e no continente.

Para além de exportar energia eléctrica, o país exporta gás natural para África do Sul e Swazilândia e tem uma das maiores indústria de produção de alumínio do mundo, a MOZAL.

Saliento que a posição estratégica de Moçambique vai para além dos recursos energéticos e infraestruturas de serviço. Dispondo de uma costa rica, o país afirma-se como uma potência na exportação de produtos marinhos. Igualmente, pelo facto de ter extensas áreas aráveis, torna-se receptor de grandes investimentos para a área de agricultura e pecuária e também se posiciona como um dos principais destinos turísticos.

Com a descoberta de petróleo e exploração de minérios como ouro e pedras preciosas como rubi, acredito que o país diversificará a breve trecho as mais-valias da sua economia e melhorará o seu Produto Interno Bruto.

E para que isso aconteça, é preciso que os políticos reestabeçam o quanto antes a paz, condição essencial para que o país volte a ter o crescimento económico e melhorar a condição da vida das populações.

Sendo signatário de algumas convenções ambientais internacionais, o país obriga-se ao respeito do meio-ambiente e destaca-se por possuir uma das melhores legislações do continente e por criar áreas específicas de conservação da biodiversidade, ainda que as práticas criminosas atentem contra isso.

Outro aspecto importante é que os investimentos devem estar em conformidade com as leis ambientais. Sem isso, dificilmente se concede o alvará, ainda que admita que o clientelismo e as relações por vezes perigosas entre alguns agentes do Estado, que têm práticas pouco republicanas, e os investidores possam subverter a aplicação efectiva da legislação.

No que diz respeito ao desenvolvimento humano, há que reconhecer que ainda há muito por se fazer e a recente “ministerialização” desta área, isto é, o desenvolvimento humano passou a fazer parte Ministério da Educação, ficando Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano abre algumas esperanças para alterar os índices nos quais o país se encontra, visto que as riquezas que possui continuam a não trazer um impacto claro e visível para a vida das populações, em parte porque o desenvolvimento económico do país depende mais da exploração das matérias-primas essencialmente para a exportação e não está ancorado ao respectivo desenvolvimento, por exemplo, da indústria, da agricultura e dos serviços. Aliado a isso, está o fraco investimento nas áreas sociais, nomeadamente educação e saúde, corrupção e excessiva burocracia na tramitação dos processos.

Por essa razão que o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) considera Moçambique como um país com índice de desenvolvimento humano baixo.

10. Quais são suas considerações finais?

Gostaria de vos agradecer pela oportunidade que me deram de falar um pouco do meu país, da minha vida pessoal e também de expor os projectos do NADECO cuja materialidade depende e muito

da ajuda dos parceiros. Por isso, espero que as pessoas de boa vontade nos possam ajudar para nós também ajudarmos aos que tanto precisam.

Por fim, um reconhecimento muito especial aos voluntários da INTERCONS que na sua missão de ver a África com outros olhos distribuem livros, trazendo a esperança e contribuindo para a educação das populações, o que ajuda a desmistificar mitos e crenças que durante séculos colocaram o nosso continente no esquecimento. Bem hajam!

Entrevistador. Sebastião Feitosa é conscienciólogo, pesquisador da especialidade Evoluciologia, autor de diversos artigos e curso, graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), atualmente voluntário da INTERCONS, mantenedor-coordenador do Holociclo (CEAEC) e integrante do Conselho de Segurança da UNICIN, trabalha na Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA na área de inspeção sanitária em Portos, Aeroportos e Fronteiras.

Escultura Vida - Angola.



INNOVACITIES ÁFRICA: CONHECER PARA INOVAR

Mariangela Lückmann

Introdução. Duplistas, eu e Celso Lückmann somos voluntários da Conscienciologia desde 1990. Ao longo do tempo, temos contribuído em diferentes projetos pioneiros, em funções promotoras de interassistência e semperaprendência, com despojamento íntimo, comprometimento e foco retributivo.

Cronologia histórica. A seguir, enumero ocorrências elencadas ao longo de oito anos, para contextualização e esclarecimentos relativos ao relato contido no artigo.

Em 2005, Celso e eu fomos inseridos numa primeira experiência multidimensional de pararurbanização de monta – da qual desconhecíamos o escopo interassistencial à época – a partir de um empreendimento mineralógico na socin. A leitura de indicadores multidimensionais nos sinalizou a interassistência vinculada ao empreendimento, aparentemente convencional.

Com monitoria direta do Prof. Waldo Vieira desde o início, sabíamos da necessidade de promover a extração de rochas do local. O tempo nos confirmou o objetivo interassistencial magno: a retirada de consréus e consbéis com tônica belicista aguda, fixadas em bolsão extrafísico patológico na região de Ataleia – Minas Gerais, localizado próximo da fronteira nordeste com o Espírito Santo. Em 2008, fatos suscitaram a realização de Expedição Parapsíquica da Conscienciologia, com intervenção pacificadora naquela etapa do processo pararurbanizatório.

Até 2011, as oportunidades de voluntariado na Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional - CCCI, transcorreram prioritariamente na gestão de instituições conscienciocêntricas, desde a sua concepção, fundação, implantação e administração grupal em diferentes áreas.

A partir de 2012, intensificou-se a orientação extrafísica amparadora quanto a trabalhos interassistenciais na socin. Nesse mesmo ano, com monitoria direta da consciex amparadora Lloyd William Dinkspiel, segundo nos informou à época o pesquisador Waldo Vieira, o programa socioambiental em logística reversa para rochas ornamentais da Sol Pedras, denominado “Programa Resíduo Zero”, ganhou formalização empresarial e visibilidade. Abriram-se novas oportunidades quando a Sol Pedras foi premiada na categoria de sustentabilidade em feira nacional de inovação, ciência e tecnologia – a InnovaWorld.

Fomos convidados para voluntariar na ABIPIR – Associação Brasil Internacional de Inventores, Cientistas e Empreendedores Inovadores, instituição capixaba fundada em 2011, sem fins econômicos e partidária. Por seu intermédio, iniciamos nossa colaboração na Semana Estadual de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo através da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia (SECTI-ES).



Atividade Genoma da Inovação – INNOVACITIES.

Em 2013, voluntariamos na 10ª Semana Estadual de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, com presença recorde de 153.000 visitantes em 4 dias de evento, tornando-a a maior do país. A ABIPIR organizou neste evento a sua maior edição da Feira Internacional de Inovação InnoWorld e ingressou na IFIA – International Federation of Inventors' Associations (ifia.com), principal entidade mundial do setor, com sede em Genebra (Suíça) e 140 instituições de inventores associadas em 95 países.

Em dezembro de 2014, durante a Assembleia Geral da IFIA na China, a ABIPIR foi eleita por mérito, através de seu presidente – Prof. Dr. Marcelo Vivacqua – membro do *Executive Committee* da IFIA, compondo o grupo de 21 países promotores da operacionalização federativa mundial. Historicamente, foi a primeira vez que o Brasil tomou assento em organização internacional desse porte.

INNOVACITIES. Ainda na China, a ABIPIR tornou-se representante da IFIA para a América Latina. Sua feira internacional de ciência aplicada e inovação se ampliou, mantendo a periodicidade anual. Em atendimento à nova tarefa, passou a denominar-se INNOVACITIES.

Em 2015, na sequência dos fatos, eu e Celso assumimos funções de voluntariado na diretoria executiva da ABIPIR. Colaboramos na readequação de seu estatuto, provendo a instrumentalização necessária ao atendimento mais amplo das demandas ligadas à inventividade e educação criativa. Foi decidido pelo corpo gestor institucional a valorização ainda maior da ambiência alegre, motivadora e positivamente contagiante da INNOVACITIES na interconexão de conscios de várias faixas etárias, formações e experiências de vida, a partir de ecossistemas de empreendedorismo e inovação nas diversas áreas do conhecimento humano, com ênfase científico, tecnológico e social. Ampliou-se também a autonomia e estruturação para realização do evento em novas edições nacionais e internacionais.

Em consequência, ainda nesse ano foi realizada a primeira edição latinoamericana em Foz do Iguaçu, a INNOVACITIES LATINOAMÉRICA - Encontro Global de Empreendedorismo para Cidades Alegres Criativas, Humanas e Inteligentes (ICLA). Foi também inaugurado o Office Latinoamericano IFIA-ABIPIR na Faculdade Uniamérica, em Foz do Iguaçu.

Em 2016, a ABIPIR recebeu convite de organismos angolanos de inventividade e inovação para levar a solo africano a INNOVACITIES e promover Angola no cenário internacional por meio de seu ingresso na IFIA. Parceria estabelecida, uma comissão angolana especializada visitou nesse ano a feira internacional da ABIPIR no estado do Espírito Santo e iniciou a organização da I INNOVACITIES ÁFRICA - Feira Internacional de Invenções e Inovações, para maio de 2017.

Desafios. O novo desafio demandou meses de suportabilidade ao grupo de voluntários do Brasil e de Angola. A pressão extrafísica da empreitada fez com que nossos planos iniciais de participação fossem alterados duas vezes. Flexibilidade foi um elemento fundamental.

Até Dezembro de 2016, o planejamento era viajarmos em dupla, eu e Celso, para Angola. Em Janeiro de 2017, readequamos o projeto de viagem e, até 18 de abril, Celso viajaria, representando a Diretoria institucional e eu ficaria em Foz do Iguaçu, no suporte necessário. Nossa decisão baseava-se racionalmente em demandas de saúde familiar, trabalho empresarial e finanças. Nessa data, à noite, recebemos uma ligação de uma companheira de voluntariado na ABIPIR e na Conscienciologia, Isabel dos Santos, de Frederico Westphalen (RS), insistente na minha ida ao evento em Angola, e se possível, com Celso. Disse-me que voluntários amigos da região tinham se oferecido para nos dar qualquer tipo de suporte necessário para que eu pudesse viajar. Impactou-me o inesperado. Agradei sinceramente o empenho, mas esclareci ser, essa opção, inviável naquele momento. E, embora já tivesse aberto mão da viagem, fiquei atenta após a ligação.

Mudanças. Na madrugada a seguir, em projeção lúcida, fui informada sobre a mudança de nossos planos. Eu viajaria para Angola e Celso ficaria em Foz do Iguaçu, no suporte necessário. Recebi também o detalhamento profilático das ações e cuidados a serem tomados, dia após dia, sem desvios, até o embarque. Lembro de conter a alegria íntima ao retornar ao soma e refletir sobre a imensa inviabilidade intrafísica e temporal para os trâmites necessários, incluindo recursos financeiros, vacinações, emissão de passaporte, visto de entrada, compra de passagens, e hospedagem, entre outros.

Contei o ocorrido na manhã seguinte para Celso, e, em consenso, replanejamos rapidamente a viagem a partir dessa nova possibilidade. Liguei na sequência para Isabel e ela, que havia se motivado a ir conosco a Angola ainda em 2016, decidiu me acompanhar na viagem. Os fatos sequenciais nos evidenciaram a agilização sadia dos acontecimentos, quando, o que poderia levar meses de encaminhamentos técnicos foi solucionado em oito dias úteis para nós duas.

Evento. A I INNOVACITIES ÁFRICA ocorreu de 02 a 05 de maio de 2017, na UNIA – Universidade Independente de Angola, em Luanda, Angola. Eu e Isabel permanecemos em Luanda de 05 a 10 de maio.

A ABIPIR levou para divulgação no evento cinco projetos brasileiros, os quais despertaram curiosidade e interesse de parcerias futuras em solo africano. Destaco para registro dois projetos da região trinacional agraciados com certificados internacionais de excelência em inovação pela IFIA/ABIPIR: “Cognópolis, a Cidade do Conhecimento”, na categoria Empreendedorismo Científico-Social; e “Uniamérica, um Modelo Radicalmente Novo de Educação Superior”, na categoria Empreendedorismo Pedagógico-Social.

Tivemos a oportunidade de doar para a Biblioteca da UNIA trinta e sete obras de autores da Conscienciologia, cedidas a ABIPIR pela EDITARES – Associação Internacional Editares, Epígrafe Editorial e Livraria, e CEAEC – Associação Internacional de Altos Estudos da Conscienciologia. Cabe aqui registrar o grande interesse dos estudantes e inventores angolanos presentes ao evento em relação aos livros doados. Ao final das apresentações dos projetos brasileiros, o público, literalmente, avançou sobre as obras dispostas em mesa lateral ao palco. Um breve e surpreendente “tumulto sadio” no ambiente inovador.

Registro que eu e Isabel fomos acolhidas e cuidadas por todos, conscins e consciexes amparadoras, de modo maxifraterno. Com “tapete vermelho estendido”, tivemos a oportunidade de, a partir da cidade de Luanda e área geográfica de entorno, conhecer e compreender um pouco sobre Angola, sua história, seu povo, e, principalmente, seu holopensene. Na Província de Luanda pudemos imergir na realidade angolana:

- 05 de maio: visitamos a Universidade Independente de Angola;
- 06 de maio: conhecemos o centro do poder político, econômico e financeiro de Angola, localizado na “Baía de Luanda”;
- 06 de maio: visitamos detalhadamente o Museu Nacional de História Militar;
- 07 de maio: fotografamos musseques, conglomerados de moradias de cimento e retalhos de latas, verdadeiros bolsões de pobreza extrema no entorno da capital angolana;
- 07 de maio: fizemos um surpreendente safári de contemplação da flora e da fauna angolana no Parque Nacional da Kissama;
- 07 de maio: conhecemos as belezas naturais de Cabo Ledo e mais bolsões de pobreza no entorno;
- 07 de maio: visitamos o Museu Nacional da Escravatura, localizado na Capela da Casa Grande, onde os escravos eram batizados antes de embarcar nos navios negreiros. Essa capela pertenceu à antiga residência de D. Álvaro de Carvalho Matoso, membro de poderosa família comerciante de escravos da costa africana;
- 08 a 10 de maio: realizamos reuniões com órgãos de fomento à inovação em Angola nacionais e da Suíça, tendo a oportunidade de conhecer o primeiro centro de inovação de Angola, a Fábrica de Sabão, um dos projetos suíços em desenvolvimento na comunidade carente de Cazenga, bairro satélite da capital.



Baía de Luanda.

Vínculos. Essa experiência revelou interrelações e vínculos entre Angola e Brasil, os quais, embora conhecidos historicamente, tornaram-se palpáveis e impactantes presencialmente. Quanto à relevância da autopesquisa nesse período e das autoexperimentações, o princípio da descrença foi fundamental.

Durante a viagem e estadia em solo africano, foi inevitável a análise comparativa entre realidades brasileiras e africanas. Espero poder contribuir de algum modo para a elaboração dos laboratórios conscienciais (labcons) de intercâmbio aos pesquisadores afinizados.

Características. Angola é um país da Costa Ocidental da África com território de 1.247.000 km². Possui 18 províncias, sendo Luanda a capital. Sua moeda é o Kwanza, nome do principal rio da nação angolana. É o 10º país mais rico do continente africano, e desenvolve parcerias com vários países, tais como, **África do Sul; Brasil; China; EUA; França; Índia; Portugal; Reino Unido e Rússia.**

Riquezas. Suas riquezas naturais em diversidade marinha, de subsolo, fauna e flora, sinalizam possibilidades e potenciais de desenvolvimento e crescimento em setores estratégicos relevantes ao futuro do país, colocando o país em destaque no cenário internacional. São citados a seguir três exemplos de valor econômico e impacto mundial:

- Petróleo: é o maior produtor de petróleo da África (2017);
- Pedras preciosas: está entre os cinco maiores produtores de diamante do mundo. O Projeto Luaxe, em parceria com a Rússia, dobrará a produção de 10 para 20 milhões de quilates (2017);
- Rochas: foi descoberta em Angola a maior jazida de granito preto do mundo, com aproximadamente 45 mil quilômetros quadrados (2017).

Museu Nacional da
Escravidura.



Observação: a extração mineral tem ocorrido com exploração humana e espoliação das riquezas por multinacionais e geração de impactos ambientais e sociais relevantes.

Contrastes. Apesar do imenso e favorável potencial, Angola apresenta contrastes relevantes em vários aspectos enquanto nação. Àqueles que desejarem realizar interassistência no território, importa conhecer sem apriorismos as múltiplas realidades do país, existentes e registradas nas dezenas de etnias e dialetos que interconvivem em seu território.

Compreender o holopense dessa nação envolve o estudo mais acurado da sua história, economia, cultura e sociedade, especialmente no que tange à identidade e inter-relações sociais, influências da colonização e relações internacionais. A título de contribuição, seguem dados, fatos e questões relacionadas.

Censo. O último censo oficial (2015) registrou 25 milhões de habitantes, dos quais, apenas 9,6 milhões economicamente ativos, e, 20 milhões em condição social de pobreza. Desse total, quase 60% das famílias não têm acesso a fontes de água potável. Da sua população urbana, 80% vivem em “musseques” ou “bairros de lata”, onde as habitações são compostas por pedaços de lata com blocos cimentícios e papelões das paredes ao teto, não existe coleta e tratamento de esgoto, e o lixo fica jogado a céu aberto (lixões).

Capital. Luanda possui área territorial de 2.418 km², onde convivem 7 milhões de habitantes, em sua maioria, migrantes das zonas rurais em busca de melhores condições de vida. Em 2017, no estudo “Cost of Living” elaborado pela Consultoria Mercer, da Marsh & McLennan Companies, Luanda foi considerada a mais cara cidade do planeta devido ao custo dos bens e da segurança. Tal fato associado à superlotação urbana e às condições de pobreza quase extrema apontam para complexidade social e econômica no País.

IDH. Aspecto positivo, o último relatório da ONU – Organização das Nações Unidas – de 2015 sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), divulgado em abril deste ano, revela que Angola tem registrado progressos desde o ano 2000. Identificou-se avanços na abertura de mais espaços e oportunidades para as mulheres, participantes mais ativas na vida política e na tomada de decisões; mais acesso à educação no nível primário, além da expansão nacional no acesso a telecomunicações e telefonia móvel.

Os desafios de Angola, face ao atual posicionamento no IDH (150º lugar entre os 188 países analisados), passam por melhorias nas condições de habitabilidade das populações mais vulneráveis e acesso à educação e ao emprego para os jovens, com orientação de ritmo e qualidade de crescimento para a melhoria da qualidade de vida de sua população. Angola vem se posicionando, gradativamente, mais próximo do grupo de países com desenvolvimento médio.

Similitudes. Cabe ressaltar que as dificuldades encontradas e vistas por mim em Luanda e entorno, são afins àquelas encontradas em diversos estados no Brasil, as quais conheci em mais de 25 anos de itinerâncias diversas. Resguardam-se, por óbvio, as características particulares de geografia, cultura e história. Na prática, não tive nenhum assombro ou impacto negativo maior do que aqueles já vivenciados ao conhecer a realidade de várias regiões do Brasil.



Cabo Ledo.

Trafores. Ao contrário, onde se poderia imaginar cotidiano depressivo para a maior parcela da população angolana, classificada em condição social de pobreza, registrei trafores alavancadores da superação quanto aos desafios de sobrevivência, educação, saúde, realização profissional e pessoal.

Pós-guerra. Para contextualizar, cabe registrar que, em 1975, após a independência de Portugal, Angola entrou imediatamente em Guerra Civil fratricida. O tratado de paz definitivo foi assinado em 2002. Atualmente, existem várias iniciativas particulares e públicas para recuperar o país em todos os aspectos, abrindo-se oportunidades de contribuição sadia para a reconstrução da infraestrutura nacional, desenvolvimento e atendimento às demandas sociais existentes.

Voluntariado. O povo angolano é muito solidário. Essa postura social faz com que a população se mobilize em direção a soluções comunitárias em menor ou maior escala com o auxílio de instituições africanas e internacionais de terceiro setor. Daí a valorização consequente das ações de voluntariado nacionais ou internacionais por angolanos, quando em benefício da população, de modo positivo e sadio.

Alegria. Existe uma alegria genuína no povo angolano expressa no modo de se relacionar em sociedade. Essa manifestação torna-se visível nas cores fortes de seu vestuário, na música e nos ritos culturais de todas as etnias que compõem o país. Nos jovens é ainda mais explícita. E, interessante é o contágio motivador exercido sobre os visitantes como nós, formando um verdadeiro contraponto positivo, em relação ao holopensene de submissão, derivado dos séculos de escravidão intraprovincias e internacionalmente.


Mãe. O valor cultural e histórico da figura materna para os angolanos é extremada. Extensivo desde a concepção da África enquanto terra-mãe até o empoderamento integral da mulher-mãe, sustentáculo estruturador das relações familiares e sociais. Exemplo, um dos principais símbolos africanos traduzidos por tipos diversos de artesanias é a “Vida”, expressa em escultura pela figura forte de

uma mulher, a mãe, com seu pequeno filho às costas, levantando um jarro de água com os braços estendidos para o alto e acima da cabeça.

Predomínio. Quanto ao momento atual, pude observar no contato com inventores, empreendedores e jovens estudantes das classes sociais médias e mais pobres durante nossa estadia, que apesar de identificado o holopense belicista com foco na defesa, provável consequência das recentes décadas de conflitos armados, a busca pela liberdade de expressão e desenvolvimento pauta-se mais com força nas oportunidades educacionais, empreendedoras e inovadoras, e menos na defesa armada.

Esforço conjunto. A realização do primeiro INNOVACITIES ÁFRICA em Angola, evidenciou-nos esforço público e privado na superação dos desafios nacionais pela inserção e adequação do país ao cenário mundial de inovação para atendimento das demandas sociais existentes. Durante o evento, admitimos e valorizamos o esforço grupal realizado e a imensa tarefa hercúlea para o atendimento das demandas angolanas a nós apresentadas. Encontramos jovens com perfil inovador e inventivo, predispostos ao novo, e empreendedores com objetivos comuns: o desenvolvimento que mantenha o elemento humano no centro da busca de soluções demandadas pela nação de Angola.

Autopesquisa. Quanto a Autopesquisologia, registro aspectos intraconscenciais promotores de êxito no início dessa nova empreitada interassistencial: abertismo consciencial; automotivação reurbanizatória permanente; autoparapsiquismo interassistencial; comunicabilidade interconsciencial satisfatória; curiosidade sadia; despojamento íntimo; flexibilidade na rápida adaptação ao imprevisível; foco interassistencial sem fronteiras; intencionalidade cosmoética e retributiva; neofilia; perfil empreendedor inovador; perfil reciclogênico; temperamento desbravador.



Museu Nacional
de História Militar.



Doação de livros na biblioteca da UNIA.

Agradecimentos. Registro aqui a gratidão à equipex amparadora, que, generosamente, permitiu-me viajar para conhecer de perto a realidade angolana e iniciar a contribuição retributiva internacional pararrurbanizatória para tantos aportes recebidos por mim ao longo desta existência.

Foram tão profundos os desafios e superações necessárias desde que a INNOVACITIES ÁFRICA foi confirmada, em 2016, que se faz necessário agradecer as conscins, contribuintes diretas ou indiretas na realização do primeiro evento internacional de inovação da ABIPIR e da IFIA em Angola, entre as quais:

- Meu queridíssimo amparador duplista, Celso Lückmann, sem o qual esta experiência evolutiva teria sido impossível.
- Julia Vieira, mãe, amiga e grande companheira evolutiva no incentivo constante em aprender e realizar.
- Isabel dos Santos, querida companheira de viagem semperaprendente na interassistência sem fronteiras, que se reencontrou holo-historicamente em Angola.
- Elisete dos Santos, querida amiga e amparadora vital nos momentos decisivos da viagem internacional.
- Marcelo Vivacqua, amigo generoso, presidente da ABIPIR, incentivador incansável dos talentos conscienciais e da interassistência sem fronteiras.
- Alireza Rastegar, presidente da IFIA, por acolher e apoiar incondicionalmente a ABIPIR no atendimento das demandas de fomento à inovação na África, a partir de Angola.
- Novos amigos da ABIPIR para a interassistência em Angola e na África, entre eles, Desiderio Costa (FII@), Celso Salles (EDUCASAT), Margareth Jacinto Oliveira (FII@), e Maria Suzana Pinto Luis (FII@).

BIBLIOGRAFIA

Pinto, A. O. **História de Angola: da pré-história ao início do século XXI**. Lisboa: Mercado de Letras, 2016. 777p.
Wheeler, D.; Pelissier, R. **História de Angola**. Lisboa: Tinta da China Edições, 2011. 472p.

WEBGRAFIA

Angola – História; Embaixada de Angola no Reino da Bélgica, Grão Ducado do Luxemburgo e Missão junto da União Europeia; <<http://www.angolaembassy.be/pt/angola/historia/>>; acesso em: 05.07.17.

Angola reconhece que falta ainda muito trabalho para melhorar Índice Desenvolvimento Humano; Diário de Notícias; <<http://www.dn.pt/lusa/interior/angola-reconhece-que-falta-ainda-muito-trabalho-para-melhorar-indice-de-senvolvimento-humano-6249618.html>>; acesso em: 24.06.17.

Angola, um país rico com 20 milhões de pobres; SIC Notícias; <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagem-sic/2016-11-11-Angola-um-pais-rico-com-20-milhoes-de-pobres-2>>; acesso em: 20.06.17.

Guerra Civil. Como Angola foi dividida em 1975; Observador; <<http://observador.pt/especiais/guerra-civil-como-angola-foi-dividida-em-1975/>>; acesso em: 30.06.17.

Luanda volta a ser a cidade mais cara do mundo; Negócios; <<http://www.jornaldenegocios.pt/<http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/luanda-volta-a-ser-a-cidade-mais-cara-do-mundo>>>; acesso em: 22.06.17.

FILMOGRAFIA

História de Angola; disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bsoiV0J5eqg>>; acesso em: 10.07.17.

Angola: cultura e belezas; disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DTYQXLMNNa4>>; acesso em: 10.07.17.

A tradição – Povos do Sul de Angola; disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wEeJL92iLkE>>; acesso em: 10.07.17.

Acha que conhece Angola?; disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BAAWMMDXfSY>>; acesso em: 10.07.17.

Mamã África: a mulher mais africana de Angola; disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4J82ArgA7-w>>; acesso em: 13.07.17.

Mariangela Lückmann é administradora de empresas e psicóloga, cofundadora e CEO da Sol Pedras Group, diretora de educação e eventos da ABIPIR, coordenadora do Office Latinoamericano IFIA-ABIPIR, pesquisadora independente, voluntária e professora pioneira da Conscienciologia desde 1990. Atualmente coordena o Movimento *Reurbanização – Repaginando o Mundo*, da Editares – Associação Internacional Editares.



PROVÉRBIOS AFRICANOS

Toda manhã na África, a gazela acorda.

Ela sabe que precisa correr mais rápido que o mais rápido dos leões para sobreviver. Toda manhã um leão acorda. Ele sabe que precisa correr mais rápido que a mais lenta das gazelas senão morrerá de fome.

Não importa se você é um leão ou uma gazela.

Quando o sol nascer, comece a correr.

Gente simples, fazendo coisas pequenas,
em lugares pouco importantes,
consegue mudanças extraordinárias.

Trate bem a terra. Ela não foi doada a você por seus pais.

Ela foi emprestada a você por seus filhos.

A esperança é o pilar do mundo.

O conhecimento é como um jardim:
se não for cultivado, não pode ser colhido.

Fontes:

https://www.pensador.com/autor/proverbio_africano/2/

<https://minilua.com/riqueza-dos-povos-proverbios-africanos/>

<http://www.fraseseproverbios.com/proverbios-africanos.php>

Viajar: lição universalista.

Waldo Vieira



INTERCONS

INTERCÂMBIO CONSCIENCIOLOGICO INTERNACIONAL

interconsglobal@intercons.org

www.interconsglobal.org

www.facebook.com/intercons



Epígrafe®

www.epigrafeeditorial.com.br

www.shopcons.com.br

Tel.: (45) 3525-0867